UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

BERNARDITA GUIMARÃES DA SILVA

"ELA COMEÇAVA ASSIM...": UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS CONTOS ORAIS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS NA FORMAÇÃO DOCENTE

JOÃO PESSOA-PB
2026

BERNARDITA GUIMARÃES DA SILVA

“ELA COMEÇAVA ASSIM...”: UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS CONTOS ORAIS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Fabrini Katrine da Silva Bilro

JOÃO PESSOA-PB
2026

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586e Silva, Bernardita Guimarães da.
"Ela começava assim...": um estudo autobiográfico sobre a influência dos contos orais ribeirinhos amazônicos na formação docente / Bernardita Guimarães da Silva. - João Pessoa, 2026.
59 f. : il.

Orientação: Fabrini Katrine da Silva Bilro.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - modalidade à distância) - UFPB/CE.

1. Contos orais - ribeirinhos amazônicos. 2. Identidade docente. 3. Pesquisa autobiográfica. 4. Pedagogia. I. Bilro, Fabrini Katrine da Silva. II. Título.

UFPB/CE CDU 37(043.2)

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

BERNARDITA GUIMARÃES DA SILVA

“ELA COMEÇAVA ASSIM...”: UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS CONTOS ORAIS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Fabrini Katrine da Silva Bilro

gov.br
Documento assinado digitalmente
FABRINI KATRINE DA SILVA BILRO
Data: 07/07/2026 03:31:50-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Fabrini Katrine da Silva Bilro

gov.br
Documento assinado digitalmente
MARIA GRACIELE DE LIMA
Data: 07/07/2026 11:42:07-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Membro Interno: Prof.ª Dr.ª Maria Graciele de Lima

gov.br
Documento assinado digitalmente
VANDERLAN PAULO DE OLIVEIRA PEREIRA
Data: 08/07/2026 11:54:50-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Membro Interno: Prof. Dr. Vanderlan Paulo de Oliveira Pereira

João Pessoa, 30 de junho de 2026

Dedico este trabalho à minha querida avó Valdiza, cuja ternura sempre iluminou meus caminhos; ao meu pai Bernardino, exemplo de força e perseverança; a meus professores da educação pública, que com dedicação e coragem semearam em mim o amor pelo conhecimento; e ao povo ribeirinho, cuja força e perseverança são símbolos vivos de resistência.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Dra. Fabrini Katrine da Silva Bilro, por sua dedicação carinho e valiosas contribuições ao longo da trajetória.

À Profa. Dra. Maria Graciele de Lima e ao Prof. Dr .Vanderlan Paulo Pereira, por terem aceitado convite para compor a banca examinadora.

Às professoras e aos professores do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em especial à Profa. Dra. Maria Aparecida Nunes, à Profa. Dra. Maria Emília Sardelich, à Profa. Dra. Patrícia Rosas, à Profa. Dra. Dayane Raquel Lima, ao Prof. Dr. Ezir Jorge e ao Prof. Dr. Alexandre Pereira, por contribuírem generosamente para minha formação docente.

Ao meu esposo, Alberto Paulino, pela paciência e apoio em todo o percurso da minha formação.

À toda minha família, que se encontram no Estado do Amazonas, especialmente minha mãe, Vilma; ao meu irmão Bernardson; às minhas irmãs, Bernadete, Bernardina e Bruna; às minhas primas Ruth e Raquel Pereira e todos meus tios sobrinhos e primos.

As minhas amigas Alexina Soares, Lucivânia Felix e Clarisse Rumão, pela amizade e companheirismo ao logo da caminhada.

Aos professores da EEFE Antônio Ferreira de Oliveira, em que realizei o Ensino Fundamental e Médio, na minha cidade natal Tapauá-AM.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral analisar de que forma os contos ribeirinhos amazônicos, transmitidos pela tradição oral, contribuíram para a constituição da minha identidade docente, destacando sua relevância cultural, pedagógica e formativa. De maneira mais específica, pretende: descrever elementos culturais presentes nos contos orais ribeirinhos amazônicos e sua relevância para a formação social e educativa; compreender como os contos orais ribeirinhos amazônicos favorecem o desenvolvimento de uma prática pedagógica sensível à cultura popular; e analisar os contos orais ribeirinhos amazônicos vivenciados em minha vida, seu papel social e sua contribuição para a construção da minha identidade docente. A pesquisa, de caráter qualitativo e abordagem autobiográfica, fundamenta-se em memórias pessoais, narrativas orais vivenciadas às margens do rio Purus-AM. Fundamenta-se teoricamente em autores como Silva e Cardoso (2009), Câmara Cascudo (2000), Paulo Freire (1989), Bahktin (2016) e Almeida et al. (2024). A metodologia articula relatos autobiográficos, tradição oral, permitindo compreender como experiências individuais e coletivas se transformam em práticas educativas. Os resultados evidenciam que contos orais ribeirinhos amazônicos funcionam como recursos pedagógicos capazes de promover uma formação crítica, contextualizada e humanizada, favorecendo a valorização da cultura popular e o fortalecimento da identidade docente. Conclui-se que a oralidade, além de patrimônio cultural, constitui-se como prática pedagógica eficaz, que articula memória, tradição e transmissão de saberes, reafirmando sua importância na educação e na preservação das culturas tradicionais.

Palavras-chave: Contos orais ribeirinhos amazônicos; Identidade docente; Pesquisa autobiográfica; Pedagogia.

ABSTRACT

This Course Completion Work has the general objective of analyzing how Amazonian riverside tales, passed down through oral tradition, contributed to shaping my teaching identity, highlighting their cultural, pedagogical, and formative importance. More specifically, it aims to: describe cultural elements present in Amazonian riverside oral tales and their relevance to social and educational development; understand how these oral tales can support the development of a teaching practice that is sensitive to popular culture; and analyze the riverside oral tales I have experienced in my life, their social role, and how they have helped build my teaching identity. The research, which is qualitative in nature and takes an autobiographical approach, is based on personal memories and oral narratives experienced along the banks of the Purus River in Amazonas. It is theoretically grounded in authors like Silva and Cardoso (2009), Câmara Cascudo (2000), Paulo Freire (1989), Bakhtin (2016), and Almeida et al. (2024). The methodology links autobiographical accounts with oral tradition, allowing an understanding of how individual and collective experiences turn into educational practices. The results show that Amazonian riverside oral tales work as educational tools that can promote a critical, contextual, and humanized education, helping to value popular culture and strengthen teacher identity. It concludes that orality, besides being a cultural heritage, is an effective teaching practice that connects memory, tradition, and knowledge sharing, reaffirming its importance in education and in preserving traditional cultures.
Keywords: Amazon riverside oral tales; Teacher identity; Autobiographical research; Pedagogy.

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO** …...……...……..7
2. **METODOLOGIA** ……11
   2.1 Tipo de pesquisa ……...……...…….11
   2.2 Etapas de pesquisa …….....…….....12
   2.3 Perspectiva de análise dos dados .....…… ..14
3. **CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL: REFLEXÕES TEÓRICAS** .....……. 15
   3.1 Como compreendemos os contos de tradição oral? 16
   3.2 Contos orais ribeirinhos: experiências e saberes sobre o mundo e sobre a linguagem 20
   3.3 Contos orais ribeirinhos: contribuições para a formação docente e práticas pedagógicas 23
4. **CONTOS ORAIS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS: ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS** 25
   4.1 O conto do Cobra Honorato e Maria Caninana 26
   4.2 O conto do Peixinho Dourado 28
   4.3 O conto do Boto cor-de-rosa 31
   4.4 O conto da Iara 35
   4.5 O conto do Monstro Sem Alma 37
   4.6 O conto do Corugel 41
   4.7 O conto do Pacto da Lagoa das Pedras Brilhantes 44
   4.8 O conto do Mapinguari 47
5. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 51

   REFERÊNCIAS 54

1. INTRODUÇÃO

Sou Bernardita Guimarães da Silva. Nasci[1] em uma comunidade rural chamada Itatuba, no interior do Amazonas, em uma casa de telhado de palha retirada da floresta e assoalho de madeira. A palha que cobria nossa moradia também se transformava em paneiros, cestas e abanadores para o fogareiro, revelando a íntima relação entre natureza, trabalho e cultura. Foi às margens do rio Purus que se iniciou minha educação assistemática, ainda na infância, em um território atravessado por rios e igarapés que sustentavam seu povo e moldam nossas formas de viver e aprender. Ali, entre as cheias e as vazantes, compreendi que o conhecimento não se restringe aos muros da escola: ele se inscreve na experiência cotidiana, na observação atenta da natureza, na escuta dos mais velhos e na partilha da palavra. Nesse cenário, o rio não era apenas paisagem, mas também mestre silencioso, orientando tempos, ritmos e modos de existência.

A saga do canoeiro ribeirinho é constante: com seu remo largo, corta os banzeiros em busca de sustento, seja na pesca, nos roçados, nas vazantes ou na caça. Eu e minha família sobrevivemos daquilo que a região Amazônica nos oferecia para subsistência. Muitas vezes, precisávamos trocar o que produzimos, melancias, cará, ariá, bananas, castanhas-do-brasil e peixe seco com os raros barcos que passavam. Em troca, recebemos açúcar para o café e tecido para confeccionar nossas roupas.

Desde criança, aprendi com minha família, especialmente com meu pai, Bernardino; minha mãe, Vilma; minha avó, Valdiza; e outros familiares mais velhos, a observar os segredos das cheias e das secas, bem como as intempéries do tempo. Aprendi a "ler" o mundo pela observação do clima, das enchentes e das secas atípicas. Também aprendi a preparar remédios medicinais diante da ausência de médicos e a tecer malhadeiras e tarrafas para a pesca.

[1] Ressaltamos que ao longo deste trabalho ora assumiremos o uso da primeira pessoa do singular, ora da primeira pessoa do plural, em busca de destacarmos o caráter autobiográfico e o olhar da pesquisadora.

Meu primeiro contato com a literatura foi oral, por meio da contação dos contos, causos da região e dos folhetos conhecidos no Nordeste como cordel, que meu pai e minha avó recitavam para mim e meus irmãos. Os contos do folclore ribeirinho que serviam como advertência para os perigos da região Amazônica. Minha avó, alfabetizada por meu avô após o casamento, contava os contos ribeirinhos e as histórias dos folhetos em forma versada ou em narrativas de tom misterioso. Ficávamos encantados com os contos e, principalmente, com aquelas letrinhas que revelavam tantas coisas interessantes. Por isso, desejei desde muito cedo aprender a ler, para saber o que aquelas letrinhas significam, despertando o desejo de ser professora. Desta forma, a literatura encontra no folclore uma veia que jorra sabedoria, dando alma às obras e expressando a essência de um povo que oferece seus saberes em forma de contos como combustível para nutrir a imaginação e fortalecer vínculos sociais.

As histórias que ouvi na infância chegaram até mim pela voz de minha avó, de meus pais e dos membros da comunidade em que nasci. Não eram apenas narrativas para entreter as noites à beira do rio, mas formas de transmitir valores, costumes, crenças e modos de vida do meu povo. Na cadência da palavra falada, fui sendo iniciada em uma experiência primeira de conhecimento: uma leitura sensível do mundo que antecedeu minha aprendizagem formal da leitura e da escrita. Antes mesmo de frequentar a escola, eu já decifrava sinais, escutava conselhos em forma de histórias e aprendi a interpretar os mistérios das águas, da floresta e das relações humanas. Essas narrativas, transmitidas de geração em geração, constituíam um patrimônio imaterial vivo, integrando o cotidiano das comunidades tradicionais brasileiras. Ao mesmo tempo em que preservavam a cultura coletiva, produziam sentidos, que forjavam identidades e contribuíram para minha constituição enquanto sujeito e, posteriormente, enquanto estudante e futura professora no curso de Pedagogia.

Minha trajetória escolar iniciou-se em uma pequena escola ribeirinha, marcada por limitações significativas. Entre os sete e dez anos de idade, tive acesso às aulas apenas em períodos curtos, geralmente quatro meses a cada quatro anos, sempre antes das eleições municipais. O aprendizado restringia-se, em grande parte, à escrita do próprio nome, atividade que repetia inúmeras vezes em meu caderno. A escola sequer possuía um nome oficial. Aos dez anos, mudei-me para o município de Tapauá-AM, onde passei a residir em casas de familiares e conhecidos, conciliando trabalho doméstico em troca do estudo até a terceira série, equivalente ao atual terceiro ano.

No Ensino Fundamental e no Ensino Médio, estudei no Colégio Antônio Ferreira de Oliveira. As práticas pedagógicas eram tradicionais, centradas na cópia, recitação da tabuada e ditados. Apesar do medo das provas, mantive boas notas. Entre o quarto e o sétimo ano, trabalhava como doméstica pela manhã, estudava à tarde, atuava como babá à noite e vendia verduras aos sábados. Aos domingos, participava da catequese.

No Ensino Médio, destaco especialmente as aulas de Sociologia, que despertaram em mim uma consciência crítica sobre a realidade da cidade e a possibilidade de buscar melhores oportunidades em Manaus. Em contrapartida, a disciplina de Química foi prejudicada pela ausência de um professor assíduo. A partir do oitavo ano, passei a estudar à noite e, durante o dia, trabalhava vendendo roupas e perfumes, além de realizar faxinas. Concluí o Ensino Médio em 2009 e, no ano seguinte, iniciei minha vida profissional em uma empresa de construção civil responsável por obras de pavimentação e reformas de escolas, postos de saúde e hospitais. Nesse mesmo período, casei-me e, junto ao meu esposo, viajei por diversos municípios do Amazonas como, Canutama, Codajás, Careiro Várzea, Careiro Castanho, Itapiranga, Manaquiri, Iranduba, além de Roraima, Boa Vista e Pacaraima, atuando em obras de construção.

Em 2012, mudei-me para João Pessoa. Em 2013, ingressei no curso de Design de Interiores, concluído em 2015. Em 2018, iniciei o curso técnico em Edificações, finalizado em 2020. Atualmente, trabalho como cuidadora em uma escola municipal pela manhã, estudo à tarde e me dedico ao artesanato à noite.

Ao longo desse percurso, as narrativas que marcaram minha infância e juventude não apenas moldaram minha identidade pessoal e social, mas também despertaram em mim o desejo de compreender mais profundamente o papel da tradição oral na formação humana**.** Foi nesse entrelaçamento entre memória[2], cultura e educação que encontrei o caminho para minha trajetória acadêmica.

Ao ingressar no curso de Pedagogia, percebi que aquelas histórias que outrora me encantaram à beira do rio poderiam se transformar em objeto de estudo e reflexão, revelando sua potência como recurso formativo. Essa percepção se consolidou na disciplina de Língua e

[2] Nesse contexto, a memória assume um papel fundamental, pois refere-se à faculdade de conservar e atualizar informações passadas, permitindo ao ser humano representar experiências anteriores. Conforme destaca Le Goff (1990), trata-se de um conceito central nas ciências humanas, especialmente na História e na Antropologia, nas quais a ênfase recai sobre a memória coletiva, entendida como elemento essencial para a construção das identidades, das culturas e das experiências compartilhadas pelos grupos sociais.

Literatura, ministrada pela professora Maria Graciele, quando tive contato com a obra “Dez cordéis num cordel só”, de Antônio Francisco (2006), que apresenta uma crítica às relações humanas, políticas e ambientais. A partir dessas experiências, amadureci a escolha do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso, voltado para investigar a influência dos contos ribeirinhos na formação da minha identidade docente.

A partir do meu olhar sobre essas experiências, este estudo busca responder à seguinte questão-problema: como os contos ribeirinhos, transmitidos pela tradição oral, influenciaram a construção da minha identidade docente?

A partir dessas premissas, este trabalho tem como **objetivo geral:** analisar de que forma os contos orais ribeirinhos amazônicos, transmitidos pela tradição oral, contribuíram para a constituição da minha identidade docente**,** destacando sua relevância cultural, pedagógica e identitária.

Os **objetivos específicos** são:

1.Descrever elementos culturais presentes nos contos orais ribeirinhos amazônicos e sua relevância para a formação social e educativa.

2.Compreender como os contos orais ribeirinhos amazônicos favorecem o desenvolvimento de uma prática pedagógica sensível à cultura popular.

3.Analisar os contos orais ribeirinhos amazônicos vivenciados em minha vida, seu papel social e sua contribuição para a construção da minha identidade docente.

Os dois primeiros objetivos específicos destacam a importância de compreender e descrever como os contos orais ribeirinhos e amazônicos contribuem para práticas pedagógicas sensíveis à cultura popular. Ao investigar a presença de elementos culturais nessas narrativas, evidencia-se que elas não apenas fortalecem o vínculo dos sujeitos com sua identidade social e educativa, mas também oferecem à escola a possibilidade de construir uma pedagogia contextualizada, que valoriza saberes locais e promove o respeito à diversidade cultural.

Já o terceiro objetivo assume caráter mais pessoal e reflexivo, ao propor a análise dos contos orais ribeirinhos vivenciados na trajetória de vida do pesquisador e sua contribuição para a identidade docente. Esse enfoque permite compreender como as experiências individuais com narrativas tradicionais se transformam em práticas educativas, revelando o papel social da literatura amazônica na formação de professores. Assim, o objetivo evidencia que a identidade docente não se constrói apenas a partir de referenciais acadêmicos, mas também do diálogo com memórias, vivências culturais e saberes comunitários que moldam a prática pedagógica

Em busca de atingir a esses objetivos, estruturamos este trabalho em cinco capítulos**.** Iniciamos apresentando a introdução e, em seguida, nossa os caminhos metodológicos assumidos. No capítulo 3, a fundamentação teórica no capítulo e no capítulo 4 a análise dos contos orais ribeirinhos amazônicos rememorados. Por fim, a trazemos as considerações finais, ressaltando que os contos orais ribeirinhos amazônicos são fundamentais para preservar a memória coletiva, fortalecer a identidade das comunidades e contribuir para a formação da identidade docente.

Sigamos compreendendo os caminhos metodológicos que assumimos, em busca de atingir nossos objetivos.

2. METODOLOGIA

Neste capítulo, iremos apresentar os caminhos metodológicos do trabalho, em busca de atingir os objetivos traçados para a pesquisa. Diante disso, apresentamos, a seguir, o tipo de pesquisa, as etapas de pesquisa e a perspectiva de análise dos dados.

2.1 Tipo de pesquisa

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa com enfoque descritivo e interpretativo, ancorada em relatos autobiográficos. Para Brennand (2012), às pesquisas de abordagem qualitativa são fundamentais para a compreensão aprofundada da realidade social e educacional, pois valorizam os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. O autor considera que esse tipo de pesquisa vai além da quantificação dos dados, buscando interpretar a complexidade das relações humanas em seus contextos específicos. Nesse caminho, Pineau (2006) explica que a autobiografia, entendida como a escrita da própria vida, revela a importância da expressão do vivido por meio do desdobrar narrativo. Esse relato de vida, seja oral ou escrito, contribui para a construção de um sentido temporal, sem

necessariamente privilegiar o meio. Assim, a metodologia adotada não se limitou à descrição dos fatos, mas buscou interpretar e ressignificar as minhas vivências ribeirinhas, articulando teoria e prática, subjetividade e coletividade.

Com isso, a opção pela pesquisa qualitativa de caráter autobiográfico se mostrou adequada para os objetivos deste estudo, pois possibilitou compreender de maneira aprofundada como as experiências pessoais e coletivas se transformaram em práticas pedagógicas e em formação acadêmica. A valorização da escuta, da memória e da tradição oral como fontes legítimas de conhecimento permitiu interpretar a complexidade das relações humanas em seus contextos específicos, conforme defendido por Brennand (2012).

2.2 Etapas da pesquisa

Para a realização deste trabalho, seguimos 4 (quatro) etapas:

1. Levantamento bibliográfico:

   Inicialmente, realizamos um levantamento bibliográfico com o objetivo de reunir referenciais teóricos que fundamentassem a análise dos contos orais ribeirinhos amazônicos rememorados, destacando o que diferentes autores discutem acerca do tema e evidenciando sua relevância como prática cultural e pedagógica. Essa etapa foi realizada através da busca de artigos no google acadêmicos e de livros e trabalhos no repositório da UFFB, a partir da temática "Como os contos ribeirinhos contribuíram para minha formação no curso de pedagogia", abrangendo o período de 2000 a 2025. O levantamento inicial resultou em 2.136 publicações, das quais, após a leitura dos títulos, foi selecionada uma amostra de 20 artigos para análise. Após a leitura dos resumos, um dos artigos foi descartado, restando 19. Destes, 12 foram analisados em profundidade e serviram como embasamento teórico para este trabalho, por se relacionarem mais diretamente a nossa temática. Além disso, também foram consultados 8 livros que abordam diretamente o tema. Assim, o levantamento bibliográfico permitiu construir uma base sólida para a reflexão proposta neste trabalho, articulando teoria e prática e

demonstrando como a vivência com os contos orais ribeirinhos amazônicos, além de patrimônio cultural, se consolida como recurso educativo.

2. Seleção dos contos para análise (córpus):

   A seleção dos contos ribeirinhos que compõem este estudo foi realizada a partir das narrativas que marcaram minha infância e juventude, transmitidas principalmente por minha avó, minha mãe e meu pai às margens do rio Purus. O recorte do corpus foi definido considerando as narrativas que permaneceram vivas em minha memória e que, ao longo da pesquisa, mostraram-se mais significativas para os objetivos deste estudo. Para essa seleção, foram adotados três critérios: a relevância cultural das histórias, sua função educativa no contexto comunitário e sua recorrência nas narrativas compartilhadas por minha família. Dessa forma, foram escolhidos contos que, além de preservar valores e costumes, também funcionavam como advertências e ensinamentos para a vida cotidiana ribeirinha. O objetivo desta etapa foi identificar narrativas que revelassem a riqueza da tradição oral e sua contribuição para minha formação crítica e docente, permitindo compreender como essas histórias se transformaram em recursos pedagógicos. Os contos selecionados foram: 1. o conto do Cobra Honorato e Maria Caninana; 2. o conto do Peixinho Dourado; 3. o conto do Boto-Cor-de-Rosa; 4. o conto da Iara; 5. o conto do Monstro Sem Alma; 6. o conto do Corugel; 7. o conto do Pacto da Lagoa das Pedras Brilhantes; 8. o conto do Mapinguari.

3. Descrição e narração dos contos selecionados:

   Após a escolha de 8 (oito) contos, cada um foi descrito e narrado de forma detalhada, a partir das minhas memórias, resgatando tanto sua estrutura narrativa quanto os contextos em que eram contados. Essa etapa buscou preservar a autenticidade das histórias e evidenciar os ensinamentos transmitidos por meio delas.

4. Análise dos contos:

   Após a narração dos contos, passamos a sua análise a partir do meu olhar, das minhas memórias e vivências e dos referenciais teóricos mobilizados. A análise

observou elementos culturais, valores sociais, dimensões pedagógicas e contribuições para a formação da minha identidade docente. O objetivo foi compreender como essas narrativas funcionam como instrumentos pedagógicos, de formação, capazes de articular memória, tradição e saberes populares, fortalecendo práticas educativas contextualizadas e humanizadas. Assim, buscamos observar cada conto considerando três dimensões principais: 1. cultural: valor simbólico, crenças e práticas comunitárias que revelam a visão de mundo ribeirinha; 2. social: valores de coletividade, solidariedade, fé e vigilância transmitidos às crianças e jovens; 3. pedagógica: estratégias de advertência, proteção e formação que orientam comportamentos e moldam práticas educativas. Dessa forma, a análise buscou interpretar não apenas o enredo das narrativas, mas os significados sociais e identitários que elas carregam, evidenciando sua relevância como recursos formativos e como dispositivos de preservação da memória coletiva.

2.3 Perspectiva de análise dos dados

A discussão e análise dos dados foi conduzida a partir de uma perspectiva interpretativista, fundamentada em Bortoni-Ricardo (2008), a qual defende que não é possível observar o mundo de forma dissociada das práticas sociais significativas e vigentes. Nesse sentido, o docente que consegue articular o trabalho de pesquisa com o fazer pedagógico transforma-se em um professor-pesquisador de suas próprias práticas ou das práticas pedagógicas com as quais convive. Tal postura o coloca em um processo contínuo de aperfeiçoamento profissional, favorecendo uma compreensão mais aprofundada de suas ações como mediador do conhecimento.

Assim, a análise dos dados desta pesquisa buscou interpretar as narrativas autobiográficas e orais em diálogo com os referenciais teóricos, fundamentando-se na perspectiva da micro-história, que valoriza a narrativa como um importante recurso de investigação histórica (Levi, 1939) e permite compreender as experiências individuais, reveladas através dos contos, em sua relação com o contexto social. Nessa perspectiva, a análise de trajetórias singulares não se limita ao âmbito pessoal, mas possibilita revelar aspectos

culturais, históricos e sociais mais amplos, evidenciando a interação entre a experiência do sujeito e a realidade coletiva.

Sendo assim, as memórias da infância e os contos da tradição oral ribeirinha foram compreendidos como expressões de experiências singulares que revelam elementos da memória coletiva, da cultura e dos saberes compartilhados pela comunidade, valorizando sua dimensão cultural e pedagógica. A perspectiva interpretativista adotada possibilitou compreender como essas narrativas contribuem para a formação docente, ao mesmo tempo em que reafirmam a importância da tradição oral como recurso formativo e como prática pedagógica enraizada na cultura popular.

3 CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL: REFLEXÕES TEÓRICAS

A tradição oral se constitui como um dos pilares da formação cultural dos povos, especialmente em comunidades ribeirinhas da Amazônia, onde os contos atravessam gerações e preservam memórias coletivas. Nesses espaços, a oralidade ultrapassa a função de mero entretenimento, assumindo o papel de instrumento pedagógico, social e cultural, capaz de transmitir valores, crenças e saberes. Ao longo do tempo, esses relatos não apenas alimentaram a imaginação, mas também se consolidaram como recurso de ensino e de resistência, contribuindo para a construção identitária das comunidades.

No campo educacional, os contos ribeirinhos revelam-se como práticas formativas essenciais. Ao serem narrados e compartilhados, possibilitam que os sujeitos reconheçam suas próprias experiências como fonte legítima de conhecimento. Pois, segundo Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquela”, evidenciando que os saberes transmitidos pelas narrativas orais constituem a base para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da consciência crítica no espaço escolar.

Assim, compreender os contos ribeirinhos como dispositivos pedagógicos implica reconhecer seu papel formativo e cultural, bem como sua relevância para práticas educativas contextualizadas. A oralidade, ao ser incorporada ao processo pedagógico, possibilita uma educação mais significativa, enraizada nas vivências dos educandos e comprometida com a valorização da diversidade cultural.

Com base nessa compreensão, buscamos neste capítulo descrever elementos culturais presentes nos contos orais ribeirinhos amazônicos e sua relevância para a formação social e educativa, bem como compreender como favorecem o desenvolvimento de uma prática pedagógica sensível à cultura popular, com base nas discussões apresentadas por autores como Silva e Cardoso (2009), Câmara Cascudo (2000), Almeida et al (2024), Paulo Freire (1989) e Bakhtin (2016).

1.1 Como compreendemos os contos de tradição oral?

Segundo Silva e Cardoso (2009), em seu artigo "A oralidade e suas raízes: fascínio histórico",

> O conto nada mais é do que a maneira simples de explicar o dia a dia de pessoas, suas angústias e preocupações, bem como os anseios, alegrias e tristezas. [...] O texto é repleto de magia, fantasia, aventura, que fascinam todos. A história se afasta da realidade, com intenção de demonstrar uma conduta correta ou apenas de divertir os leitores. Fazem parte da cultura popular e da literatura (Silva; Cardoso, 2009. p 2).

As autoras destacam o papel fundamental do conto na expressão das emoções e vivências humanas, utilizando uma linguagem acessível para transmitir alegrias, tristezas, medos e desejos do cotidiano. Ao abordar questões profundas de forma leve e envolvente, o conto permite que o leitor se identifique com as histórias, tornando-se um espaço de reflexão e aprendizado.

A partir do olhar delas, compreendemos que essa narrativa transcende a realidade, adicionando elementos de fantasia, magia e aventura para cativar o público. Além de entreter, o conto pode ensinar valores, sugerir comportamentos e oferecer novas perspectivas sobre a vida. Nesse sentido, adota-se uma compreensão ampla de literatura, entendendo que ela não se restringe às obras escritas, mas abrange também as manifestações da tradição oral, reconhecendo os contos como importantes formas de expressão cultural e literária.

Para Candido (2004), a literatura deve ser compreendida em seu sentido mais amplo, abrangendo todas as formas de criação poética, ficcional e dramática produzidas pelas diferentes sociedades e culturas, desde as manifestações da tradição oral, como o folclore, as lendas e os chistes, até as obras escritas mais elaboradas. Nessa perspectiva, o conto se consolida como um importante veículo de transmissão do conhecimento e da tradição, preservando histórias que atravessam gerações e enriquecem o imaginário coletivo. Desse

modo, afirma-se como uma ferramenta essencial na construção da identidade cultural e na valorização da experiência humana por meio das palavras.

As autoras Silva e Cardoso (2009) também destacam a importância do contexto cultural na formação do leitor, evidenciando que a literatura e a leitura estão profundamente enraizadas na identidade de um povo. Os contos regionais, por sua vez, fazem parte desse processo, permeando o cotidiano e se entrelaçando às vivências individuais de maneira natural e significativa. Desde a infância, os processos e as práticas de leitura, juntamente com a contação de histórias, estabelecem uma conexão afetiva, funcionando como um gesto de carinho e um elo entre gerações. Pois,

> os contos regionais são partes do cotidiano brasileiro e seus desdobramentos estão por todos os cantos. Eles são uma constante em nossas vidas, estão incorporados muitas vezes sutilmente, na história de cada um e fazem parte desde a mais tenra idade, quando ler e contar histórias se torna a linguagem do carinho e do amor. A voz humana, narrando fantasias e emoções, entra no coração e fica na imaginação de cada um, de maneira única, imprime sensações e transforma-se na herança mais preciosa que podemos deixar para as novas gerações (Silva; Cardoso. 2009. p. 272).

Desta maneira a oralidade e a literatura são mais do que simples instrumentos de entretenimento; elas desempenham um papel essencial na construção da imaginação e na preservação da memória cultural. Ao serem compartilhadas, essas narrativas despertam emoções e deixam marcas profundas na sensibilidade de cada indivíduo. Além disso, constituem um legado imaterial, uma herança valiosa que fortalece a identidade coletiva e transmite valores fundamentais às gerações futuras.

Reconhecer a importância dos contos regionais significa compreender que a leitura e a narração de histórias são pilares para a perpetuação da cultura e para a formação de indivíduos conscientes de sua história e tradição. De acordo com Silva e Cardoso (2009),

> Não há como ignorar a importância da oralidade no nosso cotidiano. A presença de influências de diversas culturas, as associações de lendas, mitos e contos favorece a construção e o desdobramento do imaginário, e este se apresenta como um dos mais ricos objetos de estudo para pesquisadores apaixonados pela literatura e pela arte (Silva; Cardoso, 2009, p. 272).

As autoras enfatizam o papel essencial da oralidade na construção do imaginário coletivo, demonstrando que os relatos transmitidos verbalmente carregam influências culturais diversas e enriquecem a identidade de um povo. Lendas, mitos e contos são fundamentais nesse

processo, pois perpetuam tradições, despertam emoções e ampliam a percepção sobre o mundo, servindo como um elo entre passado e presente.

Segundo Rosa et al (2019), o imaginário coletivo pode ser entendido como um conjunto de produções afetivas e ideativas inconscientes que orientam tanto as ações individuais quanto coletivas, configurando-se como uma modalidade de conduta enraizada na cultura e nos vínculos sociais. Nessa perspectiva, a oralidade ultrapassa a função de simples meio de comunicação, tornando-se uma ferramenta crucial para a preservação da cultura e para o desenvolvimento artístico e literário. Por meio da transmissão oral, conhecimentos são compartilhados, histórias ganham novas interpretações e a criatividade é estimulada. Além disso, o imaginário popular, moldado por essas narrativas, constitui um campo fértil para pesquisadores e estudiosos que buscam compreender a essência da cultura humana e sua manifestação na literatura e nas artes. Valorizar a oralidade, portanto, significa reconhecer sua importância na formação da identidade cultural e na manutenção da tradição ao longo das gerações.

Os contos fazem parte da tradição popular, sendo fruto dos conhecimentos transmitidos pelos antepassados ao longo das gerações, essas narrativas preservam a memória coletiva e refletem a identidade cultural de um povo. Como afirma Cascudo (2000) em sua obra "Lendas brasileiras",

> Não se faz literatura sem tradição popular. O próprio Classicismo, com seu espírito universalista, sem adotar o sentido nacional, foi buscar nas fontes mitológicas da velha Grécia a melhor nuança para o seu aprimoramento. Cientificamente falando, o folclore é ramo da ciência antropológica que estuda as manifestações coletivas da cultura popular, conservadas pela tradição, nos países civilizados, abrangendo o estudo e classificação de contos, lendas, fábulas, canções, crendices, superstições, usos, costumes, adivinhações e provérbios desse conjunto anônimo de produções da cultura ou então, como se dizia, subcultura vulgar tradicional (Cascudo, 2000, p.6).

O autor enfatiza a profunda conexão entre literatura e tradição popular, demonstrando que até movimentos literários universalistas, como o Classicismo, buscaram inspiração em fontes tradicionais. Além disso, ressalta a importância do folclore como um campo de estudo dentro da antropologia, englobando diversas manifestações culturais que moldam a identidade de um povo, reforçando a ideia de que a literatura não pode existir isoladamente da cultura popular, pois é nela que encontra suas raízes mais autênticas e enriquecedoras.

O pensamento do autor ressalta que os contos, lendas, canções e costumes transmitidos ao longo das gerações não apenas preservam a memória coletiva, mas também fornecem matéria-prima para o aprimoramento literário. Negar a influência do folclore, portanto, seria ignorar a essência da produção literária, que se nutre das expressões mais genuínas da sociedade. A literatura, ao incorporar elementos da tradição popular, fortalece sua profundidade e identidade, enriquecendo a experiência humana através das histórias compartilhadas ao longo do tempo.

Segundo Silva (2016), a memória de um indivíduo não se constitui de forma isolada, mas resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos sociais dos quais participa, como família, escola, igreja, amigos ou ambiente de trabalho. Nessa perspectiva, a memória coletiva não pode ser compreendida apenas como um fenômeno individual, já que toda lembrança está sempre vinculada a um grupo social. Assim, a memória individual representa apenas um ponto de vista sobre a memória coletiva, construída e compartilhada no interior da sociedade.

Nesse caminho, Cascudo afirma que

> Os contos populares do Brasil, por exemplo, têm o sabor de uma fruta do mato, o cheiro agreste da flor mais viçosa, a fantasia colorida com as tintas da nossa selva, o encanto de um primitivismo tropical. Então, com o crescer das atividades folcloristas descobrem-se horizontes de cujas cores a literatura tanto necessita, já que as letras irão dourar uma civilização de que se deve orgulhar um povo aguerrido e batalhador (Cascudo, 2000, p,7).

Sua fala destaca a riqueza dos contos populares brasileiros, enfatizando sua conexão com a natureza, a cultura e a identidade nacional. Essas histórias carregam a essência do país, refletindo a diversidade e o encanto do folclore, que se manifesta em elementos como aromas, cores e paisagens tropicais. Portanto, à medida que os estudos folcloristas avançam, a literatura se expande, encontrando nas tradições populares uma fonte essencial de inspiração.

Segundo Guedes (2013), a identidade nacional não deve ser compreendida como algo homogêneo e fixo, mas como um espaço sociocultural no qual coexistem múltiplas culturas e identidades. Para o autor, a noção de hibridização cultural explica melhor a realidade latino-americana do que conceitos tradicionais como “mestiçagem” ou “sincretismo”, pois evidencia a mescla entre o popular, o culto e o massivo, além das interações entre o local, o nacional e o transnacional.

A cultura nacional, formada por um povo forte e batalhador, se vê enriquecida por essa herança imaterial, que não apenas preserva memórias coletivas, mas também fortalece a

produção literária. Dessa forma, reconhecer e valorizar os contos populares significa não apenas enaltecer a identidade brasileira, mas também fornecer à literatura os elementos necessários para representar a grandeza da civilização nacional.

1.2 Contos orais ribeirinhos: experiências e saberes sobre o mundo e sobre a linguagem

A leitura de mundo se constituiu antes mesmo do acesso à palavra escrita. Cresci em um contexto marcado pela ausência de políticas públicas e pela precariedade escolar, onde a formação não acontecia apenas na sala de aula, mas principalmente no convívio familiar e comunitário. Foi nesse ambiente que aprendi a observar os ciclos da natureza, as cheias e secas dos rios, e a valorizar os ensinamentos dos mais velhos, que transmitiam saberes essenciais para nossa sobrevivência e convivência. Meu pai sempre dizia: “Você vai ser uma professorinha de óculos.” Já minha avó aconselhava: “Estude para saber das coisas e ter um emprego.

Ao dialogar com Paulo Freire (1989), percebo que minha infância confirma sua ideia de que ler é, antes de tudo, compreender criticamente o mundo. Do mesmo modo, encontro em Bakhtin (2016) fundamentos para entender que a linguagem é sempre social e dialógica, constituindo o sujeito em relação ao outro e à coletividade. Assim, os contos orais ribeirinhos se tornaram práticas formativas que alimentaram minha imaginação, fortaleceram minha identidade cultural e contribuíram para a construção de uma consciência crítica.

Portanto, compreendemos que a oralidade e os saberes comunitários, transmitidos por meio dos contos ribeirinhos, configuram-se como instrumentos pedagógicos e culturais, capazes de articular tradição e educação, memória e formação, reafirmando que a leitura de mundo é a base para a constituição de sujeitos críticos e conscientes de sua realidade.

Minha avó e meus pais foram minhas primeiras referências literárias. As histórias que minha avó narrava, como o conto do “Caboquinho da Mata”, ensinavam valores de respeito à floresta e aos seres que nela habitam, funcionando como advertências e lições de vida. Essas narrativas, transmitidas oralmente, revelavam que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, pois nos permitiam interpretar a realidade e construir significados a partir das experiências cotidianas.

O conto do “Caboquinho da mata” dizia assim:

> Era uma vez um homem que existe desde que o mundo é mundo, ou seja, desde a própria criação. Ele é um dos guardiões da floresta, pois não permite que os caçadores matem além do necessário. Quando isso acontece, ele aparece, como aconteceu com o seringueiro Manoelzinho, que matou muitas queixadas (porco-do-mato ou javali) e deixou os corpos na floresta sem consumi-los. Foi então que o Caboquinho surgiu diante dele e o advertiu: respeite a mata e os bichos que nela vivem. Da próxima vez, você não voltará mais para fora, ou seja, não retornará para sua casa, pois ficará encantado dentro da floresta. (Versão do conto narrado a partir das memórias da pesquisadora)

Minha avó sempre nos chamava a atenção com essas histórias, como forma de advertência, para que ficássemos atentos e não cometêssemos o mesmo erro do seringueiro Manoelzinho. Ela nos ensinava a respeitar a floresta e os seres que nela habitam. Era dessa forma que líamos o mundo: tanto através das histórias contadas, deixando a imaginação nos levar para onde quiséssemos, quanto pelos saberes e vivências do cotidiano da vida ribeirinha, às margens do rio Purus, onde vivíamos.

Nesse sentido, para discorrer sobre "A importância do ato de ler", recorro a Paulo Freire, que fala sobre a leitura de mundo antes mesmo do aprendizado formal da palavra escrita. Segundo ele,

> No esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me re-petir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra (Freire, 1989, p.10).

Paulo Freire, ao refletir sobre sua infância e sobre o ato de ler, não se limita à leitura da palavra escrita, mas amplia essa ideia para a leitura do mundo. Sua citação sugere que compreender sua própria trajetória de aprendizado envolve um esforço de re-tomar, re-criar e re-viver experiências vividas antes da alfabetização formal. Esse processo de rememoração não é uma simples recordação passiva, mas uma reconstrução ativa, onde o passado é interpretado à luz do presente.

Para o autor a leitura é um processo que transcende o texto e se insere na experiência humana mais ampla. Antes de ler palavras, Freire já lia mundo ao seu redor, interpretava, construía significados, criava sentidos. Essa perspectiva é essencial para sua pedagogia: a leitura não é apenas decifrar símbolos gráficos, mas compreender criticamente a realidade.

Os contos orais ribeirinhos, nesse contexto, cumprem papel semelhante ao descrito por Freire. Eles permitem que a leitura do mundo aconteça antes mesmo da alfabetização formal, pois carregam valores, memórias e ensinamentos que formam a

consciência crítica dos sujeitos. Narrados em rodas de conversa, ao entardecer, ou transmitidos entre gerações, esses contos se tornam instrumentos de formação cultural e pedagógica, capazes de articular saberes ancestrais com práticas educativas contemporâneas.

Os contos nasceram da necessidade essencial do ser humano de falar e ouvir histórias, algo que nos acompanha desde os tempos pré-históricos. Essas narrativas atravessaram gerações, sendo transmitidas oralmente até os dias de hoje, como um fio invisível que nos liga aos nossos ancestrais. Nesse caminho, Bakhtin (2017) contribui para essa reflexão ao afirmar que o sujeito se constitui na relação com o outro, ou seja, em relação à coletividade. Para ele, a linguagem não é apenas meio de expressão, mas o próprio instrumento que dá forma ao sujeito, sempre carregada de sentidos sociais e históricos. Pois, ao falar, o indivíduo mobiliza repertórios coletivos, apropria-se de discursos que circulam socialmente e os ressignifica, participando ativamente da produção de sentido.

Deste modo, a coletividade aparece como pano de fundo essencial para o surgimento da subjetividade. O sujeito só se entende como tal porque está inserido numa rede de relações sociais e culturais. A palavra, nesse contexto, é sempre dialógica: não há eu sem o outro, nem palavra sem audiência. Em linhas gerais, Bakhtin (2017) propõe uma visão de sujeito que nasce e se desenvolve no seio do diálogo com o outro e com a coletividade. A linguagem, para ele, é um fenômeno essencialmente social, não há palavra sem audiência, nem eu sem o outro.

Bakhtin (2003) reforça essa ideia ao destacar a heterogeneidade dos gêneros do discurso, que se moldam conforme o tema, a situação comunicativa e os participantes. Isso significa que a linguagem se adapta e se transforma de acordo com o contexto, revelando a diversidade humana e social. Assim, compreender os contos ribeirinhos também é compreender a riqueza dos gêneros discursivos que emergem da oralidade, carregados de valores, intenções e significados coletivos

Por isso, a linguagem é um reflexo da coletividade. Cada modalidade de diálogo revela algo sobre os sujeitos envolvidos, sobre o ambiente em que estão e sobre as práticas sociais que compartilham. Assim, entender a heterogeneidade dos gêneros é também compreender a diversidade humana. Ao reconhecer essa variedade, Bakhtin propõe uma abordagem que vai

além da gramática ou da estrutura linguística. Ele defende a análise da linguagem em sua dimensão social, viva e dinâmica.

Assim sendo, o autor argumenta que a linguagem não é homogênea nem neutra, ela é profundamente marcada pela diversidade dos contextos e das relações humanas. Os gêneros do discurso são múltiplos porque a vida social também é. Para Bakhtin (2016), o indivíduo, atua considerando diálogo como um parceiro, portanto, seu pensamento se constrói na relação com o outro individuo, por meio da interlocução, e não para ele mesmo. Dessa forma, a expressão envolve de forma simultânea o ouvinte e o discurso que se envolve entre si.

Portanto, tanto em Freire quanto em Bakhtin, encontramos fundamentos para compreender como os contos orais ribeirinhos se tornam práticas formativas. Eles não apenas alimentam a imaginação, mas também constituem sujeitos críticos, conscientes e inseridos em uma coletividade, reafirmando que a leitura do mundo antecede e sustenta a leitura da palavra.

1.3 Contos orais ribeirinhos: contribuições para a formação docente e práticas pedagógicas

Os contos ribeirinhos, transmitidos pela tradição oral, constituíram uma base significativa na minha trajetória acadêmica enquanto futura pedagoga. Ao longo dos estudos, percebi que essas narrativas não apenas preservam memórias coletivas e saberes ancestrais, mas também oferecem uma visão crítica sobre o modo de vida das comunidades. Essa vivência contribuiu para que minha formação fosse marcada pela valorização da cultura popular como fonte legítima de conhecimento, rompendo com a ideia de que apenas os saberes formais têm validade.

Nessa direção, é importante destacar que o diálogo acerca da formação de educadores ribeirinhos se articula aos princípios da educação do campo, revelando experiências singulares vivenciadas por professores oriundos dessas comunidades. Nesse cenário, o resgate das vivências desses docentes com os contos orais ribeirinhos emerge como elemento central, pois preservam memórias coletivas e saberes ancestrais, ao mesmo tempo em que oferecem uma visão crítica sobre o modo de vida das populações locais.

As repercussões dessas vivências na identidade docente e nas práticas educativas reafirmam a relevância dos contos ribeirinhos como instrumentos formadores, capazes de fortalecer a identidade profissional e de aproximar escola e comunidade. Ao valorizar a

oralidade e a narrativa tradicional, promove-se uma educação que reconhece os saberes locais como legítimos, favorecendo metodologias participativas e dialógicas, e contribuindo para a construção de uma escola que se conecta às raízes culturais dos estudantes.

Segundo Leite (2013), é possível observar que a prática pedagógica voltada à valorização da narrativa pessoal dos alunos tem impactos significativos no engajamento e na expressão individual, dando-lhe voz no contexto escolar:

> Os relatos demonstram o prazer que os alunos sentiam em expressar-se em sala de aula. As atividades eram ela programas de forma a prever os relatos dos sujeitos. A escolha textos, com temas direcionado à história de vida dos sujeitos, não se limitava em fazê-los ter identificação com eles, mas visava levá-los a narrar sua realidade, de forma a sentirem-se valorizados e participar nas atividades (Leite, 2013, p. 88).

O autor destaca que os alunos sentiam prazer ao expressarem-se em sala de aula, resultado de atividades cuidadosamente planejadas para acolher e estimular seus relatos pessoais. A seleção de textos com temas relacionados às histórias de vida dos sujeitos não tinha apenas o propósito de promover identificação, mas de fomentar um ambiente em que pudessem compartilhar suas realidades de maneira autêntica. Essa abordagem contribuía para que os estudantes se sentissem valorizados, com espaço para participação ativa e significativa nas atividades pedagógicas.

Reconhecer os saberes e as vivências não apenas dos alunos, mas também dos docentes, é essencial para garantir que a escola não seja apenas um lugar de transmissão de conteúdos, mas de valorização da identidade e da experiência. Nesse contexto, práticas pedagógicas que promovem o diálogo entre leitura, escrita e realidade social se tornam ferramentas potentes de transformação e pertencimento.

De acordo com Sousa (2020),

> [...] a vivência em uma realidade desconhecida, a aprendizagem de alguns saberes "aparentemente" básicos e comuns para quem vive a dinâmica dos rios como: entrar num barco balançando pelo movimento das marés, andar em trilhas pela floresta se equilibrando em um tronco fino, ter calma dentro do barco quando a "maré está cheia, balança e chove", fazer farinha, respeitar as crenças e lendas e tantos outros conhecimentos que são invisibilizados no currículo da educação básica e pouco ou nada atravessam os cursos de formação de professores e as práticas educativas na Amazônia (Sousa, 2020, p.25).

A invisibilização desses saberes cotidianos revela uma lacuna entre a escola e a realidade cultural dos estudantes e docentes. Ao desconsiderar práticas locais, a educação

formal reforça uma hierarquia de conhecimentos que privilegia conteúdos universalizados e descontextualizados, em detrimento da riqueza cultural e ambiental local, a exemplo dos saberes da Amazônia. O que parece "básico" para os ribeirinhos é, na verdade, um conhecimento sofisticado e essencial, que deveria atravessar os processos educativos e ser reconhecido como parte legítima da formação escolar.

Desta maneira, a autora aponta para a necessidade de uma pedagogia que reconheça e integre os saberes tradicionais às práticas escolares. Valorizar tais conhecimentos significa não apenas preservar o patrimônio cultural da região, mas também tornar a educação mais significativa, contextualizada e emancipadora, capaz de aproximar escola e comunidade e de formar sujeitos conscientes de sua identidade e pertencimento.

Sousa (2020) ainda destaca que as trajetórias de vida dos educadores, marcadas por experiências diversas no paradigma rural e urbano, constituem formas de resistência frente às dificuldades impostas pela realidade social e educacional. Essas histórias revelam práticas que desafiam a hegemonia da política nacional de formação docente, ao propor alternativas que valorizam o sentido da vida cotidiana. Segundo ela,

> As histórias de quem já viveu e vive uma educação, na infância, adolescência, juventude e fase adulta de diversas formas no paradigma rural x urbano, lutando contra as dificuldades e continuam resistindo como docente, são mecanismos para descontruir a hegemonia da política nacional de formação de professores, pensando e implementando uma outra escola, um outro currículo, uma formação que faça sentido para a vida das pessoas, promova outras práticas educativas, coletivas e organizativas para se construírem histórias diferentes e com significados, outra(s) Amazônia(s), Campo e Brasil (Sousa, 2020, p.32).

Nesse movimento, emergem possibilidades de construir uma escola diferente, com currículos contextualizados e práticas educativas coletivas. A formação, então, deixa de ser homogênea e passa a afirmar identidades plurais. Assim, as narrativas docentes se tornam instrumentos de transformação, capazes de gerar novas histórias e significados para a educação brasileira.

4 CONTOS ORAIS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS: ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS

Este capítulo tem como objetivo analisar os contos orais ribeirinhos amazônicos vivenciados em minha vida, seu papel social e sua contribuição para a construção da minha

identidade docente. Para isso, apresento a versão de alguns contos que marcaram minha infância e que exemplificam como o imaginário popular foi utilizado como elemento central de minha formação cultural e social, enquanto ribeirinha e futura pedagoga. São histórias contadas por membros da minha família, minha avó, meus pais e amigos próximos, que revelam a sabedoria ancestral presente nas práticas educativas informais da região.

4.1 O conto do Cobra Honorato e Maria Caninana

Lembro-me das histórias que ouvia de minha mãe, quando pescava mandi com anzol e sardinha com malhadeira de fibra, no pé da terra, nos longínquos igarapés do Amazonas, onde passávamos muitas horas para garantir nossa comida. Dentre elas, sempre estava presente o conto "Cobra Honorato e Maria Caninana".

Minha mãe começava assim:

> Era uma vez uma mãe que deu à luz a duas crianças gêmeas, que vieram ao mundo na forma de serpentes bem escuras. A mãe Tapuia as batizou com os nomes de Honorato e Maria, e eles cresceram de forma livre. Os povos ribeirinhos os chamavam de *Cobra Honorato* e *Maria Caninana*.
>
> O Cobra Honorato era forte e bondoso, não fazia mal a ninguém e, inclusive, salvou muitas pessoas de morrerem afogadas. Lutou por três noites e três dias contra uma gigantesca Piraíba do fundo do rio. À noite, ele subiu o barranco, deixava de ser cobra e se transformava em um belo rapaz. Porém, antes do galo cantar, acordava, descia o barranco e voltava para sua forma de serpente.
>
> Maria Caninana, por outro lado, era violenta e muito má. Ela afundava embarcações, matava náufragos e atacava pescadores e peixes pequenos. Por isso, seu irmão Honorato a matou e continuou nadando sozinho pelos igarapés e rios.
>
> Honorato decidiu que era hora de desencantar e pediu a alguns amigos que fossem até um certo areão, sob a luz da lua, e levassem três pingos de leite de uma mulher e uma lâmina virgem. A pessoa encarregada deveria executar um ritual específico: primeiro, pingar três gotas de leite na boca da cobra; em seguida, golpear com a lâmina sua cabeça para que saíssem três pingos de sangue; então, Honorato deveria desencantar e permanecer para sempre como homem. Por fim, os restos da cobra deveriam ser queimados.
>
> Ele tentou inúmeras vezes, mas as pessoas não tinham coragem quando viam o tamanho da serpente sobre o areão. Até que encontrou um ex-soldado que teve a bravura necessária para cumprir a missão. Assim, Honorato ganhou uma nova vida como homem e viveu por muitos anos, contando tudo o que vira quando ainda era cobra. (Versão do conto narrado a partir das memórias da pesquisadora)

Os contos que ouvi na infância, como o apresentado acima, não se limitaram ao entretenimento, mas se tornaram lições que orientaram minha postura diante da vida e das relações sociais. Minha mãe sempre reforçava, após cada narrativa, que deveríamos fazer o bem sem olhar a quem, ensinamento que se conectava diretamente à história de Honorato e ao

valor da solidariedade. Esse princípio se concretizou em minha vivência com Joaquim, amigo da família e contador de histórias, que mesmo idoso continuava trabalhando diariamente na pesca e no roçado. Sempre que voltava da pescaria, eu o ajudava a carregar os utensílios e os peixes até sua casa, gesto simples que me fez perceber que já estava colocando em prática aquilo que aprendera nas narrativas. Dessa forma, compreendi que os contos atravessaram minha trajetória e colaboraram para a construção da minha identidade como sujeito social, comprometida com a empatia e com o apoio a quem mais precisa.

Hoje, reconheço melhor essas atitudes no meu trabalho como educadora social. Nem sempre contamos com outro colega na sala de aula e, para muitos, já é muito dedicar-se apenas a ajudar um aluno com deficiência. Mesmo quando esse aluno possui alguma autonomia, ainda assim é desafiador oferecer apoio a outro estudante com dúvidas. Essas experiências me mostram que a solidariedade e o cuidado coletivo, presentes nas histórias da minha infância, continuam sendo fundamentais na prática educativa.

Nesse caminho, percebo que a oralidade presente nas narrativas se conecta diretamente com minha prática docente, pois ensinar também é narrar e dialogar. Na sala de aula, observo que os contos ribeirinhos continuam vivos em mim: o gesto de Honorato, que ajudava os outros, inspira minha forma de ensinar, apoiando cada estudante mesmo diante de grandes desafios. Com isso, compreendo que a oralidade preserva saberes e possibilita a escola tornar-se espaço de troca de conhecimento e de valores. As experiências com os contos me revelam que ser professora é também ser narradora de experiências, alguém que conduz os alunos a se reconhecerem como sujeitos sociais.

Nesse sentido, Rossi e Hunger (2020) destacam que

> As múltiplas dimensões que envolvem a profissão docente, como os diferentes contextos sócio-históricos, as relações estabelecidas entre os autores educacionais, as experiencias individuais, o sentimento de pertencimento e as representações, precisam ser levadas em conta. (Rossi; Hunger, 2020, p.20).

Para as autoras, a identidade docente é complexa e multifacetada, construída a partir da articulação entre diferentes dimensões: os contextos sociais e históricos, as relações estabelecidas na prática educativa, as experiências individuais, o sentimento de pertencimento e as representações que circulam na profissão. Isso significa que ser professora não se resume a dominar conteúdo ou técnicas, mas envolve integrar memórias culturais e vivências pessoais, como os contos ribeirinhos, aos desafios coletivos da educação, mostrando que a docência é

um processo contínuo de formação e reinvenção. Essas memórias, que contribuem para a constituição da identidade docente, são preservadas e transmitidas por meio da tradição oral, tornando o folclore uma importante expressão da cultura e da história dos povos. Nesse sentido, segundo Cascudo (2000), o folclore expressa a psicologia coletiva dos povos, pois reúne crenças, sentimentos e elementos do imaginário que se constroem ao longo do tempo por meio da tradição popular.

Assim, narrativas como o conto de Honorato, conhecido como Cobra Grande, e a história de Maria Canina revelam aspectos do imaginário e das crenças presentes nas comunidades ribeirinhas e amazônicas. Essas histórias, transmitida oralmente de geração em geração, preservam memórias culturais e expressam valores, medos e formas de compreender o mundo compartilhadas por um povo, mostrando como a tradição oral se constitui como uma fonte viva da cultura popular.

Para Farias (2017), desde os primórdios os seres humanos sentem a necessidade de narrar sua vida, suas crenças e seu trabalho. Ao apropriar-se da voz, o homem reconheceu o mundo e reconheceu-se nele, permitindo que histórias se espalhassem pelos quatro cantos da Terra, sobretudo em um período em que a oralidade era a única forma de transmissão de conhecimento. Nesse contexto, a oralidade ultrapassa a função de simples meio de comunicação, constituindo-se como fundamento da identidade humana e da difusão cultural. As narrativas ribeirinhas exemplificam essa prática ancestral, pois carregam memórias, valores e saberes que atravessam o tempo e permanecem vivos na cultura contemporânea, reafirmando sua relevância como instrumento de preservação, continuidade histórica e formação da identidade daqueles que partilham dessas experiências, como eu.

4.2 O conto do Peixinho Dourado

Outro conto narrado por minha mãe quando estávamos colhendo feijão, melancia ou milho é “O peixinho dourado”. Ela sempre começava assim:

> Lá em cima do barranco tinha casa que agora não existe mais, lá morava um menino chamado João e com sua mãe de nome Mocinha à beira do rio. Seu pai havia falecido, e ele ainda era pequeno, tinha apenas sete anos, mas já saía para pescar, tentando pegar alguns peixes para alimentar a si mesmo e à sua mãe.
>
> Certa vez, já era meio-dia e João ainda não havia conseguido pescar nada. Foi então que um peixe de escamas douradas surgiu boiando perto da praia e falou com ele:
>
> — Menino, o que tens? Por que está triste?

João respondeu:
— Ainda não peguei nenhum peixe para levar para minha mãe.
O peixe, então, disse:
— Lança tua rede.
João lançou a tarrafa e, para sua surpresa, ela voltou cheia de peixes.
Agradecido, ele disse:
— Muito obrigado, peixinho!
E o peixe respondeu:
— Sempre que precisar, volte aqui neste mesmo lugar e me chame. Eu virei te socorrer.
A partir desse dia, sempre que João precisava de ajuda, ia até a ponta da praia, por volta do meio-dia, e cantava assim:
— Peixinho dourado do fundo do rio, eu vim à praia para te chamar.
Logo o peixe boiava e perguntava:
— O que quer, João? Precisa de mais peixes?
E João respondia:
— Sim.
Então o peixe dizia:
— Lança tua rede.
E novamente João voltava para casa com peixes suficientes para se alimentar com sua mãe. (Versão do conto narrado a partir das memórias da pesquisadora)

No final da história, minha mãe sempre acrescentava: “Deus nunca abandona seus filhos. Ele sempre envia ajuda, seja por meio de uma pessoa, de uma palavra, ou de uma situação inesperada. Deus viu que aquele menino era apenas uma criança, mas já carregava responsabilidades de um homem. Por isso, o socorreu.”. E ela finalizava dizendo: “Faça o bem, sem olhar a quem, porque a ajuda sempre virá quando você mais precisar, da mesma forma, se for dar algum para alguém que tua mão esquerda não saiba o que dá a direita.”

No dia em que minha mãe contou essa história do “Peixinho Dourado”, pensei em uma pessoa muito querida da minha família. Apesar de não termos laços sanguíneos, Maria, mãe de Edimar, tornou-se parte de nossa vida e de toda a comunidade. Sua chegada, marcada por dor e resistência, mostrou-me desde cedo que identidade não se constrói apenas por vínculos biológicos, mas também por relações de afeto e solidariedade. A convivência com Maria e Edimar revelou a força da coletividade diante das adversidades, ensinando-me que ser sujeito social é reconhecer a importância da empatia e da rede de apoio.

Maria e Edimar ajudavam as famílias nas atividades da casa, na casa de farinha e na pesca. Maria nos contou sua história: viera de um município muito distante, fugindo do pai de Edimar, pois não suportava mais as agressões. Escapou várias vezes de ser morta junto com o filho, já que ambos apanhavam juntos. Maria chegou com marcas profundas em seu corpo; lembro-me de uma ferida na perna que custou a cicatrizar. Também havia perdido alguns dentes, após ser agredida com um cassetete, pois o pai de Edimar era policial.

Edimar apresentava dificuldades de comunicação, tinha crises em que gritava, saía correndo e muitas vezes se perdia na mata. Em pouco tempo, o encontrávamos, mas parecia não reconhecer as pessoas de imediato; depois, voltava a ter consciência. A medicina que usávamos para acalmá-lo era chá de capim-santo, cidreira, folha de laranja e anador em planta, quando sentia dor de cabeça. Lembro-me de três crises: não eram longas, mas nos deixavam muito preocupados, e todos se juntavam para ajudá-lo.

Foi nesse momento que percebi que eu e toda a comunidade já estávamos vivendo aquilo que ensinava o conto do Peixinho Dourado. Mesmo o pai estando vivo, não era presente; pelo contrário, representava uma ameaça para os dois. Maria suportava tudo em silêncio, mas era visível em seu rosto a preocupação e o desgaste. Essa vivência atravessou a constituição de minha identidade pessoal e profissional ao me mostrar que ser sujeito social significa reconhecer e agir diante das fragilidades humanas.

A história de Maria e Edimar ensinou-me que a solidariedade e o cuidado coletivo são valores fundamentais para a vida em comunidade. Ao ver a dor estampada no rosto de Maria e a ausência de apoio paterno, compreendi que a identidade se constrói também na empatia e na responsabilidade compartilhada. Assim, esse conto não apenas marcou minha memória, mas colaborou para que eu me percebesse como parte de uma rede social que se fortalece na união, no acolhimento e na luta contra a violência e o abandono.

Essas vivências atravessaram não apenas minha formação pessoal, mas se refletiram diretamente na construção da minha identidade docente. As crises de Edimar e o esforço comunitário para ajudá-lo se tornaram referência para compreender que crianças com deficiência ou dificuldades precisam de atenção integral, que ultrapassa os limites da sala de aula. Hoje, na escola em que trabalho, vejo mães exaustas, sobrecarregadas pela luta diária ao lado de seus filhos, muitas vezes sem o apoio dos pais. Essas situações me remetem à história de Maria e ao conto do Peixinho Dourado, reforçando que a educação é também um ato de solidariedade.

Ser professora, para mim, significa acolher e compreender essas mulheres, abrindo portas para uma construção de um espaço de apoio, onde cada criança encontre forças para se desenvolver. Assim, os contos e experiências vividos não apenas marcaram minha trajetória pessoal, mas se transformaram em pilares da minha prática pedagógica, consolidando uma identidade docente comprometida com o cuidado coletivo e a defesa de uma educação inclusiva.

Essas experiências me levam a refletir que a formação de professores no Brasil tem sido constantemente desafiada pelas transformações sociais, políticas e culturais que atravessam a educação. Nesse contexto, torna-se essencial pensar em uma preparação que vá além da técnica, assumindo um papel crítico e engajado com as demandas históricas do país. Pois, como destacam Moleiro et al. (2023),

> Uma formação que resgate o caráter de produzir uma cultura profissional docente crítico-reflexiva, transformadora, engajada com as demandas históricas da sociedade brasileira ganha não apenas maior importância, mas caráter de urgência diante dos desafios – velhos e novos – construídos à nossa frente (Moleiro et al., 2023, p.143).

Para os autores, a formação docente precisa ser concebida como um processo que ultrapassa a mera capacitação técnica e se afirma como prática social crítica e transformadora. Em um país marcado por desigualdades históricas e por novos desafios educacionais, torna-se urgente preparar professores capazes de refletir sobre sua atuação, engajar-se com as demandas da sociedade e contribuir para a construção de uma cultura profissional comprometida com a justiça social e a democracia. Assim, a formação crítica-reflexiva não é apenas um ideal, mas uma exigência diante da realidade brasileira, pois somente professores conscientes e engajados poderão enfrentar os obstáculos e promover mudanças significativas na educação.

O conto do Peixinho Dourado insere-se no universo da literatura oral amazônica, revelando aspectos culturais, simbólicos e pedagógicos que merecem ser analisados em profundidade. Trata-se de um conto transmitido no contexto familiar e comunitário, durante atividades agrícolas, o que evidencia a função social da oralidade como prática formativa e como meio de preservação da memória coletiva. A história, ao mesmo tempo em que entretém, transmite valores, articulando elementos da vida cotidiana com ensinamentos que ultrapassam a dimensão individual e atravessam a nossa constituição de nossa identidade como sujeitos em constante interação com o mundo e com o outro.

4.3 O conto do Boto cor-de-rosa

Não posso deixar de trazer as histórias do Boto Cor-de-Rosa, que meu pai contava enquanto debulhávamos feijão manteiguinha e corujinha, tipos comuns na região Norte. À luz de lamparina, muitas vezes feita com lata de conserva, em uma casa coberta de palha e com piso de tábuas de madeira, meu pai nos encantava esse conto.

Com a voz mais grave, meu pai contava assim:

> Uma vez, não faz tanto tempo assim, aconteceu um negócio.
> Um boto encantado, que nadava aqui mesmo no rio perto do nosso pranchão, ficava boiando procurando moças bonitas para encantar.
> Quando havia festa na comunidade, ele se desencantava e virava homem. Subia para comunidade vestido de paletó, calça e chapéu branco, e dançava a noite toda com as mulheres.
> Antes que o sol raiasse, descia correndo para a beira do rio, mergulhava na água, e quando boiava, já não era mais homem, era boto.
> Nove meses depois da festa, sempre nascia uma criança, e a mãe dizia que o pai era aquele homem de branco.
> Mas ele nunca mais voltava, nem para dar as caras, muito menos sustento à criança. (Versão do conto narrado a partir das memórias da pesquisadora)

Meu pai sempre nos alertava: se encontrássemos aquele homem, ou qualquer outro desconhecido, até mesmo os que apareciam durante os festejos de santos como São Sebastião que acontecia na comunidade onde nasci chamada Itatuba, devíamos correr para casa e evitar qualquer contato, fosse quem fosse.

Era comum ver um boto boiando perto dos pranchões, que são tábuas ou pedaços de madeira na beira do rio onde se lavam roupas, louças, se trata peixe e se toma banho. As mães que ele engravidara lavavam suas roupas ali, limpando os peixes que haviam pescado. O boto sempre estava por perto dos pranchões boiando. Em outras palavras, ele nunca se afastava: apenas voltava à forma de boto.

Quando meu pai narrava esse conto, era especialmente para nós meninas, como forma de nos prevenir contra os assédios, mesmo que viessem de pessoas conhecidas. Ele sempre lembrava o exemplo de mulheres que criavam seus filhos sozinhas, mostrando como era difícil educar uma criança em meio a uma realidade marcada pela escassez de médicos, políticas públicas e acesso à educação. Seu conselho era firme: “Se algum homem mexer com vocês e engravidar, como vão criar uma criança em meio a tantas dificuldades que enfrentamos? Prestem atenção: só temos professor quatro meses a cada quatro anos, apenas para aprendermos a escrever nossos nomes e votar. Não esqueçam que é apenas nesses tempos de eleição que somos enxergados.”. Assim, concluía com seriedade: “Tomem cuidado. Namoro só com minha permissão e respeito até o casamento.”

Acerca desse aspecto, revelado através deste conto, Belo e Melo (2021) evidenciam a vulnerabilidade das comunidades ribeirinhas amazônicas, marcada pelo isolamento geográfico e pela ausência de políticas públicas eficazes. Nesse cenário, emergem graves violações de direitos humanos, como abuso e exploração sexual de adolescentes entre 12 e 17 anos, além da

prostituição infantil que atinge principalmente meninas. A miséria social aparece como fator determinante, levando muitas delas a trocar o corpo por comida, prática intensificada pela circulação de balsas e embarcações nos rios, que reforçam estigmas e marginalizações ao atribuir às jovens a alcunha de “balseiras”. Assim, os autores defendem que a precariedade estrutural e a exclusão social não apenas perpetuam ciclos de violência, mas também revelam a urgência de políticas públicas efetivas e de ações comunitárias que garantam dignidade e proteção às populações ribeirinhas.

O boto, figura mítica que se transforma em homem durante as festas ribeirinhas, simboliza tanto o fascínio quanto o perigo, funcionando como alerta para as jovens e como metáfora das responsabilidades familiares não assumidas. Essa dimensão formativa da narrativa revela que a oralidade amazônica é mais do que entretenimento: é um recurso pedagógico que transmite saberes tradicionais, valores éticos e consciência social.

Nesse sentido, é possível relacionar tais narrativas ao processo de formação da consciência, mais especificamente, da passagem da consciência ingênua à consciência crítica, estimulando uma leitura mais consciente da vida social e cultural, ao transmitir ensinamentos e advertências. Segundo Costa (2021), a consciência ingênua caracteriza-se por não perceber os fatores e condições que a determinam, enquanto a consciência crítica distingue-se por reconhecer de maneira clara esses elementos, permitindo ao sujeito compreender a realidade de forma mais profunda e reflexiva.

Ao ser incorporada ao currículo escolar, como defendem Almeida et al. (2024), narrativas como a do Boto cor-de-rosa poderiam contribuir para aproximar a escola das práticas culturais das comunidades ribeirinhas, promovendo uma educação crítica, sistemática e culturalmente situada. Dessa forma, o conto exemplifica a urgência de integrar a oralidade amazônica ao espaço escolar, confirmando que ela é essencial para a valorização das identidades regionais e para a formação de uma educação plural e inclusiva.

A partir dessa vivência, percebo a potência do contato com tais contos, os quais são capazes de atravessar nossa experiência pessoal e contribuir para nossa formação integral, ao transmitir valores de cuidado, vigilância e solidariedade em contextos de vulnerabilidade, tal qual aquele que eu vivia. Ao serem narrados como conselhos práticos, os contos funcionam como instrumentos que possibilitam a compreensão acerca de posturas sociais que exigem maior atenção como aqueles relacionados ao assédio e à responsabilidade familiar, tão presentes no contexto escolar no qual nós professores atuamos.

Ao reconhecer que essas histórias carregam ensinamentos, eu me percebo, enquanto professora, capaz de integrar esses saberes à minha atuação, fortalecendo uma docência crítica e engajada, comprometida com a formação de cidadãos conscientes e com a transformação social. Dessa forma, o conto do Boto Cor-de-Rosa evidencia como os saberes populares se convertem em pedagogia comunitária, transmitindo valores de cuidado e solidariedade.

Essa dimensão formativa dialoga com a compreensão da docência como prática relacional, que se constitui nas interações sociais e culturais. A identidade docente emerge da apropriação e significação do vivido, orientada pelas relações sociais que estruturam a profissão. Nesse sentido, Moleiro et al (2023) afirmam que

> a atividade docente como uma profissão relacional por princípio, não somente é pautada nas relações entre professor, estudante e demais envolvidos no processo de escolarização, mas que emerge, ela própria, das relações sociais. Ao se relacionar com os saberes, os métodos e as técnicas específicas da profissão docente, não se tem uma relação de interação pura entre professor e objeto, contudo uma relação triangular na qual professor e objeto (seja este um saber, método ou técnica) são mediados pelo outro e orientada para o outro. Nesse sentido, foi possível compreender que as identidades docentes se constituem no movimento de apropriação e significação do vivido, cuja gênese encontra-se nos aspectos sociais, políticos e culturais presentes na sociedade (Moleiro et al, 2023, p.143).

Assim, entrelaçando os saberes relacionados à vivência dos contos orais à discussão desses autores, compreendemos que a docência é, por essência, uma profissão relacional, construída nas interações entre professor, estudante e sociedade. A prática docente não se limita ao domínio de conteúdo ou técnicas, mas se configura como uma relação triangular, mediada pelo outro e orientada para o outro. Nesse movimento, o professor apropria-se e ressignifica suas experiências, transformando vivências sociais, políticas e culturais em identidade profissional. Assim, a formação docente precisa reconhecer que o saber pedagógico nasce das relações sociais e se fortalece na significação do vivido, sendo resultado de um processo dinâmico de engajamento crítico com a realidade.

Desta forma, compreendo que minha prática docente e identidade profissional não se constrói apenas pelo domínio de conteúdo ou técnicas, mas pela forma como ressignifico os saberes culturais e sociais que atravessaram minha trajetória. Ao integrar narrativas comunitárias e experiências de vida ao meu fazer pedagógico, desenvolvo minha prática docente na relação com o outro e na responsabilidade de formar sujeitos conscientes e comprometidos com a realidade social.

4.4 O conto da Iara

Minha mãe nos contava esse conto que ouvi muitas vezes quando estávamos trabalhando no roçado, capinando a mandioca eu e meus irmãos. Cascudo (2000), também retrata a "Lenda da Iara" em sua obra "Lendas brasileiras", mas é claro que minha mãe contava usando os elementos da calha do Purus, como os exemplos dos igarapés que ficam pelas redondezas.

Minha mãe contava assim:

> Sobre as areias do igarapé, aquele da ilha do forno, que fica perto de Pedral[3]. Uma linda mulher canta sob as sombras dos jauaris, árvores que dão frutos que alimentam os peixes, principalmente os pirarucus. Ela sacode seus cabelos longos e negros, e carrega na cabeça uma grinalda de flores lilases de mururé[4], essas que a gente encontra na beira do rio. Seu canto de exílio ecoa pela floresta. Quando os homens ouvem essa melodia, saem às pressas do local, pois sabem que é a Iara tentando atraí-los. Mas se algum homem se deixar seduzir, não há escapatória: se ele estiver pescando o coração dispara, o remo cai de suas mãos e a canoa deriva pelas águas do Amazonas sozinha, pois ele já foi encantado e levado para o fundo das águas por ela. Seu canto é uma melancolia profunda, e somente a solidão dos igarapés parece lhe fazer companhia ou até que ela encontre algum homem para encantar através do seu canto. (Versão do conto narrado a partir das memórias da pesquisadora)

Ouvi várias versões dessa história, inclusive uma contada por Dinho, conhecido da minha família. Ele também morava na cidade de Tapauá, mas trabalhava quebrando castanhas-do-amazonas em um local onde minha família e eu também atuávamos.

De acordo com o relato de Dinho, certa vez, ao atravessar o areião, área de grande concentração de areia e correnteza forte, ele teria visto uma mulher cantando, que acreditava ser a Iara. Segundo sua narrativa, sentiu uma atração irresistível, mas lembrou-se dos ensinamentos da família e resistiu ao recitar uma antiga oração. Relatava, ainda, que, após esse acontecimento, permaneceu por nove meses com intensa dor de cabeça e uma profunda solidão, dizendo que desejava ver novamente a Iara.

Éramos sempre alertados principalmente os meninos que não se deixasse atrair por ela, porque era assim que muitos desapareciam nas águas. Quando minha mãe nos contava este

[3] Pedral é uma comunidade ribeirinha, que fica perto da comunidade em que nasci.

[4] Mururé são plantas que nascem às margens dos rios.

conto, era para nos fazer perceber os perigos que os rios e os igarapés escondiam, como foi caso do nosso amigo Dinho, que até hoje tem medo de andar sozinho de canoa, medo ser atraído novamente por aquele encanto irresistível e se perder para sempre nas águas profundas do rio.

A Iara, com seu canto sedutor e ameaçador, simbolizava os riscos ocultos das águas, lembrando-nos de que o rio, ao mesmo tempo que sustentava nossa sobrevivência, também exigia vigilância e respeito. Precisávamos ter extrema atenção quando andávamos sozinhos, principalmente de canoa, pois qualquer descuido poderia nos custar a vida. Isso era ainda mais evidente quando algumas das crianças, com apenas oito ou nove anos, precisavam sair para pescar, enquanto o restante ajudava no manuseio da mandioca para fazer a farinha.

Para Oliveira e Santos (2020), escutar histórias e conviver com diferentes contadores da tradição oral possibilita aos docentes em formação a construção de memórias de si e o fortalecimento de suas narrativas. Esse processo contribui para que professores, assim como eu, se reinventem como contadores de histórias, reconhecendo nas tradições orais um caminho aberto para a expressão e valorização da memória coletiva. Aspectos que colaboram diretamente para que eu trilhe um caminho formativo fundamentando minha formação tanto na valorização das tradições orais como recurso pedagógico capaz de construir identidade e memória, quanto na criação de um ambiente escolar que reconhece o estudante em sua integralidade, como sujeito que pensa e sente.

Dessa forma, considero que o conto da Iara, narrado por minha mãe durante o trabalho no roçado, insere-se na tradição oral que transmite saberes e experiências de forma cotidiana. Segundo Furtado (2025), especialmente quando vinculada à figura feminina, cumpre papel essencial na preservação e transmissão de saberes, pois, não apenas guarda experiências, mas também reconstrói práticas culturais e sociais, tornando-se fonte legítima de conhecimento e memória coletiva.

Assim, o que Furtado (2025) aponta sobre a oralidade se concretiza na vivência dos contos por mim vivenciados: minha mãe, como figura feminina, atua como guardiã da memória e mediadora de saberes, transformando a narrativa em fonte principal de aprendizagem e proteção. Trazendo para minha formação a compreensão de como os saberes transmitidos através da tradição oral são úteis e necessários na reconstituição de experiências e na formação cultural não apenas das comunidades ribeirinhas, mas também de todos aqueles que se deixam atravessar por esses contos.

4.5 O conto do Monstro Sem Alma

Quero trazer à tona o conto que ouvia na infância, narrado com entusiasmo e mistério por minha avó Valdiza, a mulher que me inspirou profundamente a realizar este trabalho.

Quero trazer à tona o conto que ouvia na infância, narrado com entusiasmo e mistério por minha avó Valdiza, mulher que me inspirou profundamente a realizar este trabalho. Segundo ela, a história do Monstro Sem Alma, de João Firmino Cabral, teve origem em um folheto que havia ouvido meu avô ler. Com o tempo, minha avó memorizou boa parte da narrativa e a adaptou à realidade da nossa comunidade, utilizando-a para nos ensinar sobre os perigos e as maldades que nos cercavam.

Às vezes, ela narrava essa história de forma versada, em rimas que davam musicalidade, medo e curiosidade. Outras vezes, contava como um enredo tecendo um universo encantado.

Ela costumava contar assim:

> Mais um canto fabuloso trazemos aos leitores,
> Revelando os tempos antigos, de dragões devoradores,
> De fadas, feitiços e mistérios de amores.
> Esses tempos já se foram, mas devem ser lembrados,
> Quando fadas feiticeiras fizeram atos ignorados,
> Deixando reinos e povos completamente encantados.
> (Versão do conto narrado a partir das memórias da pesquisadora)

Lembro que foi a primeira vez que tive contato com a literatura e foi de forma oral. Essa história fala de um reino distante, dragões, fadas, feitiços e encantos. Os encantados eram três irmãs, Jerusa, Regina e Marisa, do Reino do Lírio Dourado. Durante a festa de 15 anos, as irmãs desapareceram ao cheirar uma flor mágica. Permaneceram na forma humana, mas se uniram a três irmãos também encantados. Estes, porém, se transformavam durante o dia em animais mágicos: um era o Rei dos Peixes, outro o Rei dos Carneiros, e o último o Rei dos Gaviões. Eles viveram assim até que o Monstro Sem Alma foi eliminado por Jilmar, o irmão das três princesas. A vitória de Jilmar encerrou o encantamento dos seis jovens, e eles foram felizes para sempre.

Ao final, minha avó nos alertava: “Fiquem atentos ao receber algo de alguém que vocês não conhecem, principalmente se for comida, perfume ou roupa. Nunca sabemos o mal que está no coração do outro.”. Ela sempre repetia um ditado: “O coração do homem é uma terra que ninguém anda.”, porque não sabemos o que nele passa.

Compreendi que ela usava esse conto para nos alertar sobre os perigos que nos cercava ou que poderiam surgir quando precisávamos pedir ajuda em casas distantes, muitas vezes acessíveis apenas de canoa. Era necessário ter extrema atenção ao andar sozinhos, principalmente em meio à correnteza. Em diversas situações, quando meus irmãos pequenos passavam mal em casa, tínhamos duas alternativas: uma ou duas crianças iam chamar um ancião, cuja casa ficava longe, ou minha mãe, levando todas as crianças, seguia de canoa segurando o que estava doente, enquanto os demais assumiam a responsabilidade de conduzir a embarcação.

Dessa forma, o conto funcionava como advertência para que tivéssemos cuidado ao nos aproximar de adultos fora do alcance da família, lembrando-nos que nem sempre as intenções das pessoas eram boas. A narrativa reforçava a necessidade de vigilância e prudência, mostrando que o perigo não estava apenas nas águas ou na distância, mas também nas relações humanas.

Ao ouvir e vivenciar esse conto, aprendi que a prudência e a vigilância eram indispensáveis para a sobrevivência, especialmente em situações de vulnerabilidade. Essa consciência moldou minha identidade como sujeito social, ensinando-me a valorizar a coletividade, a solidariedade e a responsabilidade compartilhada. Ao mesmo tempo, reforçou em mim a noção de que nem sempre os adultos fora do círculo familiar tinham boas intenções, o que me levou a desenvolver um olhar crítico e atento diante das interações sociais.

No campo da docência, esse conto contribuiu para minha formação ao mostrar que o ato de ensinar não se limita à transmissão de conteúdos, mas também envolve advertências, cuidados e valores. A narrativa sobre os perigos da correnteza e da distância, assim como sobre a necessidade de cautela nas relações humanas, tornou-se uma metáfora para minha prática pedagógica: orientar os alunos a reconhecer riscos, refletir sobre suas escolhas e agir com responsabilidade. Dessa forma, os contos vivenciados se transformaram em elementos formativos, ajudando-me a compreender que ser docente é também assumir o papel de mediador, preparando os estudantes para enfrentar tanto os desafios concretos quanto os simbólicos da vida.

Para Silva e Cardoso (2009), a voz humana, ao narrar fantasias e emoções, tem a capacidade de penetrar no coração e permanecer na imaginação de cada pessoa de forma singular. Essa força expressiva imprime sensações e se converte em uma herança valiosa que pode ser transmitida às futuras gerações. Nesse sentido, o conto do “Monstro Sem Alma”,

transmitido por minha avó Valdiza, revela como a oralidade se constitui em prática cultural que ultrapassa o entretenimento. Ao narrar histórias, a avó não apenas preserva memórias, mas também transmite valores e ensinamentos, reafirmando a importância da tradição oral como espaço de resistência e de formação identitária, como afirma Furtado (2025):

> A memória e a oralidade são metodologias que permitem visibilizar as experiências de populações silenciadas e apagadas histórico-socialmente pela modernidade-colonialidade, e nos reconectar e valorizar a nossa ancestralidade amazônida. Ser livre é também reestabelecer conexão com a memória e nossos ancestrais, especialmente num contexto em que a tecnologia midiática tem substituído as relações interpessoais (Furtado, 2025, p.8-9).

A autora destaca que a oralidade e a memória não são apenas formas de comunicação, mas metodologias de resistência cultural. Elas permitem que experiências invisibilizadas pela modernidade-colonialidade sejam trazidas à tona, reafirmando identidades e fortalecendo vínculos comunitários. Nesse sentido, contar histórias é também um ato de liberdade, pois reconecta indivíduos às suas raízes e desafia os apagamentos históricos.

O conto narrado por minha avó Valdiza não deve ser compreendido apenas como uma lembrança afetiva ou prática familiar, mas como um ato político de resistência cultural. Ao transmitir a história do Monstro Sem Alma, ela assume o papel de guardiã da memória coletiva e da ancestralidade amazônida, reafirmando saberes que a modernidade-colonialidade tentou silenciar. Nesse gesto, a avó se torna sujeito cultural e político, pois sua oralidade não apenas preserva tradições, mas também educa, alerta e fortalece vínculos comunitários.

Como aponta Furtado (2025), ser livre é restabelecer conexão com a memória e os ancestrais; nesse sentido, minha avó, encarna essa liberdade ao transformar o ato de narrar em prática de resistência e em instrumento de transmissão de valores. O conto, portanto, articula fantasia e pedagogia social, mostrando que a oralidade é uma metodologia crítica capaz de enfrentar o apagamento histórico e reafirmar a força da ancestralidade amazônida.

Ao refletir acerca dos temas da oralidade, memória e história, nesse meu processo formativo, é inevitável pensar sobre o papel da linguagem como mediadora da construção de sentidos e realidades. Pois, vou compreendendo que a palavra não apenas registra experiências, mas também institui acordos sociais que moldam o imaginário coletivo e dão forma à identidade cultural. Para Wagner, Silva e Albuquerque (2023),

> Quando se fala de oralidade/memória/história é impossível não desenvolver uma reflexão em torno do campo da linguagem e das diversas formas de compreender o que isso pode significar. Tendo em vista que algumas escolhas metodológicas precisam ser feitas e compreendidas, acreditamos que o discurso cria realidades, não como em um passe de mágica, mas em acordos sociais, o imaginário como o imaginado que se institui (Wagner, Silva e Albuquerque, 2023, p.29).

Portanto, os autores afirmam que o discurso cria realidades, não como em um passe de mágica, mas em acordos sociais. O imaginário como o imaginado que se institui. Essa perspectiva mostra que a linguagem não é neutra: ela organiza experiências, dá forma às memórias e institui significados que se tornam parte da história de um grupo. A oralidade, nesse sentido, é um espaço de negociação simbólica, em que os sujeitos constroem e reconstroem sua identidade cultural. O discurso, portanto, não inventa realidades de maneira arbitrária, mas se fundamenta em pactos sociais e coletivos que legitimam o imaginário como parte da vida concreta. Assim, memória, oralidade e história se entrelaçam como dimensões inseparáveis da experiência humana, revelando que a palavra tem força criadora e instituidora de mundos.

Assim como destacado por Simões e Farias (2017), segundo os quais

> Os ribeirinhos são embalados por essa movência do espaço, ou seja, os rios e as matas nos ensinam sobre tudo, principalmente sobre o tempo: o tempo das águas, o tempo das roças, o tempo da colheita, o tempo das seringueiras, o tempo da viagem, o tempo das sementes e, por fim, tempo de lembra e de contar.(Simões e Farias, 2017, p.2).

Vou percebendo que nossa vida é constantemente profundamente marcada pela relação com o espaço natural, especialmente rios e matas, que se tornam verdadeiros mestres do tempo. O cotidiano dessas comunidades não é regido por relógios ou calendários abstratos, mas pelo ritmo da natureza: o tempo das águas, das colheitas, das viagens e até da memória. Essa "movência do espaço" ensina que o tempo é plural e cíclico, ligado às práticas de sobrevivência e à experiência coletiva, que se renova a cada geração, tal qual ocorre no contexto de formação e prática docente.

Ao lembrarmos que construímos nossa história a partir dessa temporalidade, compreendemos que as vivências orais transmitem saberes e experiências que garantem a continuidade cultural. Dessa forma, a narrativa ribeirinha não apenas registra o tempo vivido, mas o recria, reforçando a identidade e a memória coletiva. Com isso, o conto "A história do Monstro Sem Alma", mostra como a oralidade funciona como prática cultural e pedagógica, transmitindo valores de vigilância, prudência e resistência diante das adversidades.

Nesse sentido, Furtado (2025) defende que memória e oralidade são metodologias de resistência cultural, capazes de visibilizar experiências silenciadas pela modernidade-colonialidade e de reconectar comunidades à ancestralidade amazônida. O que me faz perceber que a narrativa de minha avó não é apenas entretenimento, mas um ato político de preservação e fortalecimento identitário. Ao unir fantasia, pedagogia e ancestralidade, no meu processo formativo enquanto pedagoga, compreendo que a narrativa oral reafirma a minha identidade cultural e mostra que a palavra é força transformadora capaz de proteger, educar e dignificar comunidades inteiras.

4.6 O conto do Corugel

Esse conto, minha mãe sempre contavam com a voz grave e cheia de mistério, deixando a mim e meus irmãos com o coração apertado de medo, principalmente quando a gente estava na vazante, que é diferente do roçado - que fica em terra firma e a água não chega, já a vazante é inundada durante a cheia, capinando os pés de maniva (a árvore da mandioca).

Ela começava assim:

> Vocês estão vendo aquelas casas nas árvores, lá pra depois do aceiro da vazante? Aceiro marca o limite de onde terminar aquela quadra de mandioca, pois é lá que mora o Corugel. Eu mesma já vi! É um bicho enorme, com mais de dois metros de altura e uma barriga que parece uma panela de ferro, bem grande. Sabe por quê? Porque ele só come uma vez a cada três meses, e só se alimenta de criança. Diz que criança tem carne mole... Já o adulto, tem carne dura demais, ele não gosta. (Versão do conto narrado a partir das memórias da pesquisadora)

A gente se entreolhava, tremendo por dentro. Minha mãe continuava:

> Vocês não lembram do Juquinha, filho da Madalena? Aquele que sumiu no ano passado e ninguém nunca mais achou nem sinal do corpo? Pois então... foi o Corugel que pegou ele. Por isso, nunca se afastem uns dos outros. Esse bicho só aparece quando vê criança sozinha. (Versão do conto narrado a partir das memórias da pesquisadora)

Ela fazia um silêncio, olhava para gente com seriedade, e dizia:

> Jamais vão para aquelas bandas. É perigoso demais! Todo ano, quando as águas sobem ou baixam, sempre tem criança que desaparece. E é bem nesse tempo que o Corugel sai para procurar comida. Na baixada da água é quando a seca começa a chegar depois da cheia. Ou então, dependendo do ano, vem uma enchente fora de hora, dessas que causa desgraça para nossas famílias, destruindo roçado, casa, tudo que encontra em seu caminho. (Versão do conto narrado a partir das memórias da pesquisadora)

Histórias assim eram contadas sempre na época da capinação dos roçados e vazantes. E não era só conversa: quase todo ano tinha mesmo alguma tragédia. Uma criança que se perdia na mata e era devorada por algum bicho, ou afogada pelas águas bravas da cheia. Por isso, minha mãe sempre repetia: “Não se afastem uns dos outros, nem dos adultos e nem do lugar de trabalho. É só dar mole que o Corugel aparece.”

Lembro-me de que esse conto era repetido pelos mais velhos da comunidade, sobretudo quando havia sinais de enchente, período em que os pais precisavam redobrar a atenção. Tragédias aconteciam com frequência: crianças afogadas durante a noite, quando a água subia rapidamente e invadia casas, ou desaparecidas na mata. Do mesmo modo, quando as águas começavam a baixar e as vazantes surgiam, o perigo continuava. Animais que haviam recuado para terras mais altas retornavam à beira do rio em busca de alimento, aumentando o risco de ataques, especialmente de onças, as crianças que se afastavam dos pais durante o trabalho.

O conto do Corugel atravessou minha infância como uma narrativa que, embora carregada de medo, funcionava como um instrumento de socialização e proteção. Ao ouvir minha mãe contar essa história com voz grave e cheia de mistério, eu e meus irmãos aprendíamos a importância de permanecer juntos, de não nos afastarmos dos adultos e de respeitar os perigos da natureza. Essa experiência contribuiu para a formação da minha identidade pessoal como sujeito social, pois, assim como outros contos já partilhados, me ensinou valores de coletividade, vigilância e solidariedade. Além disso, reforçou meu pertencimento cultural, já que essas narrativas transmitidas pelos mais velhos eram parte da memória coletiva da comunidade e ajudavam a moldar nossa forma de compreender o mundo e os riscos que nos cercavam.

A vivência desse conto me mostrou que narrativas simbólicas podem ser poderosas ferramentas pedagógicas, capazes de transmitir valores e conhecimentos sobre o mundo. Aprendi que o conhecimento popular e a oralidade são recursos valiosos para a educação, pois dialogam diretamente com a realidade concreta dos alunos e fortalecem o vínculo entre cultura e aprendizado. Essa experiência me ensinou, enquanto docente, a valorizar a educação contextualizada, que não se limita ao conteúdo formal, mas integra saberes da comunidade e experiências de vida, deixando marcas profundas em quem sou.

Nesse caminho, Silva (2023) afirma que

> É função da escola oportunizar espaços para a escuta e reconhecimento dessas memórias, enquanto oportunidade de formação para alunos narradores, leitores literários, ouvintes literários, que apesar das dificuldades de acesso a uma Literatura escrita, trazem em seus itinerários uma formação literária ancestral (Silva,2023, p.3).

Evidenciando que a escola deve assumir o papel de espaço privilegiado para a escuta e valorização das memórias culturais e ancestrais, reconhecendo nelas uma forma legítima de formação literária e, consequentemente, de mundo. Para essa autora, mesmo diante das dificuldades de acesso à literatura escrita, é necessário reconhecer que os alunos carregam em seus itinerários experiências de oralidade que constituem uma formação literária ancestral, capaz de moldar identidades e práticas sociais.

Ao legitimar essas narrativas, a escola promove inclusão cultural, amplia o conceito de literatura para além do texto formal e fortalece os estudantes como narradores, leitores e ouvintes literários. E, dessa forma, contribui para uma formação integral que articula tradição e modernidade, oralidade e escrita, comunidade e instituição, consolidando uma educação democrática e plural que reconhece a diversidade cultural como parte essencial da formação docente e discente.

Segundo Cascudo (2012), o saber tradicional é transmitido de forma oral e anônima, sem depender de ensino formal. Ele se manifesta nas vozes das mães, nos contos de caça e pesca, na confecção de brinquedos e pequenos instrumentos, além dos relatos de assombro que também serve para advertência, como é o caso do conto do Corugel.

Com isso, compreendemos que o Corugel, como figura mítica, não é apenas uma invenção literária, mas um símbolo que transmite valores e medos, funcionando como ensinamento cultural. Esta narrativa cumpre o papel descrito por Cascudo: preservar e difundir um saber tradicional que não se aprende nos livros ou na escola, mas sim na vivência comunitária e na oralidade. Assim, o conto se insere nesse espaço de resistência da oralidade: ele não é apenas uma narrativa popular, mas um testemunho vivo de como a voz e a memória preservam valores sociais e culturais.

Além disso, a vivência com esse conto ressalta que a riqueza do imaginário amazônico está profundamente ligada à vida cotidiana das comunidades tradicionais, que aprendem desde cedo a conviver com os ciclos da natureza e a transformar suas experiências em narrativas simbólicas. Para Simões e Frias (2027).

> Índios, negros, caboclos, ribeirinhos, seringueiros, roceiros, homens, mulheres, velhos e crianças, em sua maioria, nascem banhados por água, crescem e aprendem com a natureza, com a maré enchente e vazante, maré essa que leva e traz canoas, pessoas, mururés, lembranças, alegrias, tristezas, esperanças e, por fim, histórias submersas nas memórias que se entrelaçam ao cotidiano, mostrando-nos a profundidade do imaginário, onde, por vezes, se revolta com a própria realidade, outras, revela-se um olhar calmo, sensível (Simões e Farias, 2017, p.111).

O que nos mostra que a vida ribeirinha está marcada por uma profunda simbiose entre natureza e cultura, em que os ciclos das águas não apenas sustentam a sobrevivência material, mas também moldam o imaginário coletivo. As marés, os rios e os igarapés tornam-se metáforas de memórias e experiências que se entrelaçam ao cotidiano, revelando tanto tensões e medos quanto serenidade e sensibilidade. Assim, os autores defendem que o imaginário amazônico é inseparável da realidade vivida, funcionando como espaço de resistência, identidade e transmissão de saberes, mostrando que a tradição oral é uma prática formativa legítima e indispensável para a sobrevivência e coesão das comunidades ribeirinhas.

Dessa forma, ao unir medo, memória e experiência coletiva, histórias como a do conto do Corugel reafirmam a força da oralidade em nossa formação, por se constituir como patrimônio vivo, capaz de orientar comportamentos, preservar identidades e garantir a continuidade dos saberes tradicionais frente às adversidades da floresta e da vida ribeirinha.

4.7 O conto do Pacto da Lagoa das Pedras Brilhantes

Esse conto meu pai só contava até às seis da tarde. Ele dizia que depois desse horário as visagens e espíritos de pessoas mortas e demônios ficam com os ouvidos bem atentos, só esperando cada palavra pronunciada para transformar em pacto. E era nesses pactos que o sujeito perdia a alma e a salvação.

Meu pai contava assim:

> Certo dia, eu estava vindo pelo grutião (espécie de barranco) aquele igarapé que secou. Andava distraído quando pisei na da folha da jiboia e nem percebi. Foi aí que reparei que eu não estava mais no mesmo lugar.
>
> Me perguntei: Égua … que lugar é esse?
>
> Olhei em volta e vi uma lagoa rasa, calma, com pedras brilhando no fundo. Bonitas demais, parecia ouro, safira, diamante. Mas eu logo percebi que aquilo ali era uma armadilha, uma tentação do espírito ruim querendo me comprar. Senti uma presença atrás de mim. Calafrio na espinha.
>
> Perguntei: O que você quer?

> E a voz veio firme, mas estranha: Se tu me deres tua alma, te ofereço todas essas pedras preciosas no fundo da lagoa. Tem de tudo, como tu nunca viu nesse mundo. E mais: te deixo viver vinte anos em paz. Depois venho te buscar. Aceita?
>
> Na hora, meu sangue gelou. Mas lembrei da reza e clamei: Valei-me Nossa Senhora do Desterro, me salve!
>
> De repente, um vento forte me envolveu e me levou de volta para lugar por onde eu estava passando, antes de pisar naquela folha maldita. Fiquei abalado, tremendo de medo, mas fui salvo, graças à minha fé e à proteção da santa.
>
> Por isso eu digo e repito, meus filhos: nunca aceitem nada vindo de forma misteriosa, especialmente quando envolve a vida. Nenhuma riqueza deste mundo compra uma consciência tranquila. (Versão do conto narrado a partir das memórias da pesquisadora)

Recordo-me do horário em que esse conto era narrado, pois servia também para lembrar de rezar e pedir a proteção de Deus e de Nossa Senhora, que nos livrasse dos perigos. Meu pai era um homem profundamente devoto de Nossa Senhora e de São Pedro. Ele sempre repetia: "Quando estiverem em apuros, caso a canoa vá para o fundo do rio com vocês dentro, ou fiquem presos nas redes de pesca e a correnteza os leve para o fundo, ou se a onça tentar devorar vocês, nesse momento a única coisa a fazer é pedir ajuda a Deus e aos santos".

Dessa forma, qualquer tipo de perigo, até mesmo os de natureza espiritual, era motivo de alerta. Por exemplo, não deveríamos estar no rio a partir das seis da tarde, pois acreditava-se que nesse horário os espíritos ruins percorriam o mundo e poderiam nos prejudicar, lançando uma doença ou algo ainda pior.

O conto do "Pacto da Lagoa das Pedras Brilhantes" fez parte da minha infância como uma narrativa que unia medo e fé, ensinando que a vida está cercada de perigos não apenas naturais, mas também espirituais. Ao ouvir meu pai narrar esse conto, aprendi a importância da prudência, da devoção e da confiança na proteção divina. Os ensinamentos perpassados por essa narrativa contribuíram para que eu me constituísse como sujeito social, reforçando valores, respeito às tradições e consciência dos limites humanos diante das forças da natureza e do sobrenatural, que levo em todas as minhas vivências não só pessoais, mas também enquanto docente; consolidando em mim uma postura de respeito às crenças e às práticas culturais da comunidade e dos contextos em que atuo.

Ao ressaltar que a oralidade e a memória coletiva são recursos educativos que fortalecem a formação integral dos alunos, a vivência desse conto me possibilitou reconhecer a importância de articular saberes locais com práticas escolares, da diversidade cultural, de promover uma reflexão ética e de integrar experiências de vida ao processo de ensino-aprendizagem. Compreendendo que a tradição oral constitui um dos pilares da cultura popular,

transmitindo valores, crenças e ensinamentos por meio da voz e da memória coletiva. Pois, mais do que simples entretenimento, os contos, cantigas e provérbios funcionam como instrumentos pedagógicos e espirituais, moldando a consciência das comunidades ao longo das gerações.

Nesse sentido, Cascudo (2012), ressalta a persistência da oralidade, destacando sua força em manter viva a corrente cultural que atravessa o tempo e se manifesta em narrativas como o *"*Pacto da lagoa das pedras brilhantes". O autor destaca que a literatura oral se mantém viva pela persistência da voz e da memória, transmitindo fé, ensinamentos e valores coletivos. Ele mostra que a oralidade não é apenas entretenimento, mas um patrimônio cultural que se expande em diferentes formas de expressão.

Assim, ao narrar o conto Pacto da Lagoa das Pedras Brilhantes, meu pai exemplificava como a literatura oral funciona como corrente viva, transmitindo valores espirituais e sociais de geração em geração, sendo parte de uma pedagogia oral que molda a consciência coletiva e fortalece a identidade cultural. Revelando-me que a formação humana é um processo que ultrapassa a mera aquisição de conhecimentos técnicos ou intelectuais. Ela envolve dimensões mais profundas, como a espiritualidade, que orienta o indivíduo na busca por sentido e equilíbrio interior.

Nesse contexto, a reflexão de Cordeiro e Silva (2021) destaca a importância de compreender a humanização como um caminho consciente de amadurecimento, em que governar emoções e pensamentos torna-se essencial para a dignidade e plenitude do ser humano. Para eles,

> entendemos que a dimensão espiritual é responsável pelo nosso amadurecimento enquanto pessoas humanas. Sensações, emoções e pensamentos surgem independente da nossa vontade, eles constituem a natureza humana imanente, não há mérito pessoal em tê-los. Porém, quando compreendemos que o nosso processo de humanização é fruto de um trabalho consciente o qual se propõe a governar estas forças em prol do bem-estar de tudo e todos, passamos a realizar e cultivar aquilo que nos dignifica como ser humano. "A formação humana compreendida como humanização" (Cordeiro e Silva, 2021, p.59).

As palavras desses autores, articuladas à vivência do conto Pacto da Lagoa das Pedras Brilhantes" me faz compreender a dimensão espiritual não deve ser entendida como algo separado da vida prática, mas como parte constitutiva do processo de humanização. Emoções e pensamentos surgem naturalmente, sem mérito ou culpa, mas é a consciência que nos permite

direcioná-los para o bem comum. Assim, a verdadeira formação humana não se resume a acumular experiências ou saberes, mas a cultivar uma postura ética e responsável diante da própria interioridade. Esse trabalho consciente de governar as forças internas em prol do bem-estar coletivo é o que nos dignifica, pois transforma a natureza imanente em ação humanizadora. Portanto, a humanização torna-se fruto de uma escolha contínua de orientar nossas vivências para valores que promovem a vida, a solidariedade e a justiça.

Para Freire (2020), quando a fé se manifesta, abre espaço para que a confiança se estabeleça entre os sujeitos, criando vínculos de companheirismo e solidariedade. O autor destaca que o diálogo não é apenas troca de palavras, mas um ato de pronunciar o mundo em conjunto, onde cada participante se reconhece como sujeito ativo da realidade. Assim, a confiança que nasce do diálogo fortalece a construção coletiva de sentidos e saberes, tornando os indivíduos mais próximos e comprometidos com a transformação social. Nesse processo, a humanização se concretiza, pois o diálogo baseado na fé e na confiança dignifica os sujeitos e os torna companheiros na tarefa de reinventar o mundo.

Com isso, percebo, que a memória desse conto e das reflexões levantadas pelos autores se entrelaçam ao mostrar que a humanização é um processo vivo, sustentado pela fé, pela oralidade e pelo diálogo. Essa relação traz para minha formação enquanto pedagoga a compreensão de que a narrativa popular, a reflexão filosófica e a pedagogia crítica se encontram na defesa de uma formação humana que não se limita ao saber técnico, mas que se realiza na construção de valores espirituais, culturais e sociais capazes de dignificar o ser humano e transformar a realidade.

4.8 O conto do Mapinguari

Esse conto era narrado por um amigo da família chamado Diza, grande pescador e quebrador de castanhas. Ele sempre o narrava nos fins de semana, quando estávamos todos reunidos em casa, partilhando as novidades da semana.

Ele começava assim:

> Vocês sabem que, quando o pajé morre, vira Mapinguari, né? O pajé sabe o dia em que vai morrer. Por isso, se afasta da aldeia para morrer longe. Quando os outros da aldeia percebem, saem correndo daquele lugar, porque sabem que em breve o pajé volta em forma de Mapinguari para name name... ou seja, para devorar quem tiver por perto.

> Pois bem, outro dia eu estava limpando embaixo das castanheiras quando ouvi um grito de arrepiar os cabelos do corpo. O vento trazia um cheiro forte, e um som de galhos sendo quebrados como se alguém muito grande estivesse se movendo por entre as árvores. Naquela hora, quis correr, mas o corpo não obedecia. Estava paralisado. Só consegui me mexer depois que fiz uma promessa para São Pedro. Então saí correndo desembestado até chegar à beira do igarapé. Cortei a corda da canoa e saí remando com toda força.
>
> Mas eu vi ele... a uns dez metros de distância. Era enorme, mais de dois metros de altura, peludo, acinzentado, com um olho bem no umbigo. Tentou me alcançar, mas não entrou na água. Foi assim que consegui escapar. Remava feito desesperado, sem rumo, querendo apenas me afastar o máximo possível dali.
>
> Por isso sempre digo: não andem sozinhos por aí. Levem alguém com vocês. É nessas horas que mais precisamos uns dos outros. (Versão do conto narrado a partir das memórias da pesquisadora)

Esses contos eram narrados diariamente, pois serviam para ensinar, fosse na cheia, na seca atípica ou nos roçados e vazantes. Eles possuíam valor simbólico e contribuíam para a formação das crianças ribeirinhas. Através de elementos como o medo, o mistério e o encantamento, advertiam sobre perigos muitas vezes invisíveis. Funcionavam como dispositivos pedagógicos que estimulavam a autoproteção, reforçavam vínculos comunitários e cultivavam a atenção aos riscos presentes no cotidiano amazônico. Dessa forma, aprendíamos a nos precaver dos perigos, fossem eles causados por pessoas ou por eventos da própria natureza, esta que era cuidada com muito zelo.

Outro mecanismo muito presente era a fé, especialmente nas horas de aflição. Os castanhais, por exemplo, ficam a cerca de 12 horas do município de Tapauá, e o percurso é feito pelo rio em canoa com motor rabeta, meio de transporte comum entre os ribeirinhos. Nesse contexto, quando acontecia alguma fatalidade, a fé era o primeiro recurso.

Lembro da vez em que meu pai foi picado por uma cobra no castanhal chamado "Massa". Se não fosse seu amigo Alonso, a cobra teria conseguido matá-lo. Mesmo assim, ele suportou todas aquelas horas de dor até chegar ao município, onde finalmente conseguiram retirar a presa do animal.

Era justamente para situações como essa que os contos serviam: andar sozinho poderia custar a vida. Mais do que histórias de medo, eram ensinamentos que uniam experiência, fé e tradição, garantindo que cada geração aprendesse a enfrentar os perigos da floresta e das águas com coragem e prudência.

O conto do Mapinguari, assim como outros já relatados neste trabalho, é uma narrativa marcada pelo medo, pelo mistério e pela fé, funcionando como um alerta constante sobre os perigos da floresta e da vida ribeirinha. Ao vivenciá-lo, percebo o fortalecimento de valores

relacionados a coletividade, a prudência e a solidariedade, tão necessários no contexto ribeirinho. Além disso, mostra-me que a fé, o cuidado com o outro, o respeito a natureza e a valorização dos saberes transmitidos oralmente pelos mais velhos, são recursos indispensáveis diante das adversidades e do enfrentamento dos riscos do cotidiano amazônico.

Saberes estes que podem colaborar para o desenvolvimento de práticas docentes que valorizam a oralidade, reconhecem a diversidade cultural e promovem uma formação integral, articulando saberes locais com a construção de cidadania e responsabilidade coletiva – cultura, tradição e experiência – no processo de ensino-aprendizagem.

Com isso, ao rememorar o conto do Mapinguari, articulando-o às discussões sobre formação docente, amplio ainda mais a minha percepção de como essas narrativas colaboram para a constituição dos sujeitos, de um ponto de vista social, cultural, político. Pois, como afirma Andrade (2014), o conto popular é um relato de experiências vividas de um povo convicto de suas verdades, e para as comunidades amazônicas a literatura oral representa o sagrado. Nesse sentido, ao incorporar essas histórias na prática educativa, ou até mesmo rememorá-las, o professor reconhece que elas não são apenas ficção, mas meios de comunicação que transmitem valores e modos de viver.

Candido (2006), destaca que

> para entender a função da literatura oral, é preciso não perder de vista a sua integridade estética. E é preciso começar distinguindo, nela como na literatura escrita, — função total, função social e função ideológica (Candido, 2006, p.53).

Ou seja, a literatura oral deve ser analisada em sua **i**ntegridade estética, não apenas como relato simples, mas como obra que cumpre funções múltiplas: total (como expressão artística), social (como prática comunitária) e ideológica (como transmissão de valores e visões de mundo).

Com isso, percebemos que na vivência do conto do Mapinguari a literatura oral não pode ser reduzida apenas ao relato de um acontecimento fantástico, mas deve ser compreendida em sua totalidade estética, social e ideológica, como Candido (2006) propõe. A dimensão estética se manifesta na construção narrativa marcada por imagens fortes, o cheiro intenso, o grito arrebatador, o corpo paralisado, que criam impacto sensorial e envolvem o ouvinte na experiência. A função social aparece no contexto em que a história é contada: nos encontros familiares e comunitários que era frequente, principalmente quando estávamos fazendo alguma atividade como, debulhar feijão. Isso reforça vínculos transmitindo saberes coletivos sobre

como se proteger na floresta e nos espaços ribeirinhos. Já a função ideológica se revela na mensagem preventiva e espiritual, como a promessa feita a São Pedro, que simboliza fé e proteção contra forças malignas, além de reforçar valores de solidariedade e cuidado comunitário.

O relato sobre o encontro com o Mapinguari evidencia que, no contexto ribeirinho, tais narrativas não são compreendidas apenas como ficção, mas como experiências possíveis dentro do território amazônico. Conforme Velden (2016), a figura do Mapinguari integra a realidade simbólica e vivida de comunidades indígenas, influenciando diretamente suas práticas e percepções sobre a floresta.

Seguindo esse caminho, Wagner, Silva e Alburquerque (2023) afirmam que a memória, articulada à tradição oral, constitui um dispositivo essencial de preservação e transmissão de narrativas que orientam e aconselham diferentes gerações sobre os sentidos da vida e do mundo. Para os autores, a oralidade, nesse contexto, não é estática, mas dinâmica, marcada pelo movimento contínuo de fala, escuta e rememoração, que atualiza histórias ao longo do tempo e dos espaços. O narrador de histórias orais ocupa um lugar de prestígio, aproximando-se dos mestres e sábios, pois seus conhecimentos, transmitidos pela memória coletiva, produzem significados que auxiliam homens e mulheres na construção de seus caminhos. Esse processo é particularmente evidente em comunidades como a que vivi, em que a oralidade se configura como principal veículo de perpetuação de saberes, reafirmando sua relevância cultural e social.

Assim, a narrativa do Mapinguari revela que os mitos amazônicos cumprem múltiplas funções: preservam a memória coletiva, reforçam vínculos sociais e transmitem valores de cuidado e proteção. Ao mesmo tempo em que alimentam o imaginário popular, essas histórias se convertem em pedagogia comunitária, demonstrando que a oralidade é um patrimônio cultural vivo e indispensável para a formação crítica e cidadã das populações ribeirinhas.

A partir de todas essas reflexões e partilhas de alguns contos orais ribeirinhos amazônicos que vivenciei ao longo de minha vida, percebo que estes os contos não se restringem ao campo da oralidade afetiva, mas se consolidam como instrumentos pedagógicos e culturais essenciais em minha formação pessoal e profissional docente. As narrativas transmitidas por minha avó, pelo pai, pela mãe e pela comunidade funcionaram como dispositivos de aprendizagem, antecipando em mim a leitura do mundo e da palavra. Esses relatos demonstram que a oralidade, além de preservar a minha memória coletiva, atuou como

metodologia formativa, garantindo a continuidade dos saberes em contextos de ausência ou precariedade da escola formal, como os que vivenciei. Possibilitando-me a preservação das tradições em minha memória e vida, além de subsídios pedagógicos para que possa desenvolver práticas de ensino contextualizadas e humanizadas e, assim, me constitua como uma pedagoga.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral analisar de que forma os contos orais ribeirinhos amazônicos, transmitidos pela tradição oral, contribuíram para a constituição da minha identidade docente**,** destacando sua relevância cultural, pedagógica e identitária. Como desdobramento, foram estabelecidos três objetivos específicos: descrever elementos culturais presentes nos contos orais ribeirinhos amazônicos e sua relevância para a formação social e educativa; compreender como os contos orais ribeirinhos amazônicos favorecem o desenvolvimento de uma prática pedagógica sensível à cultura popular; e analisar os contos orais ribeirinhos amazônicos vivenciados em minha vida, seu papel social e sua contribuição para a construção da minha identidade docente.

No desenvolvimento da pesquisa, foi possível observar que os objetivos propostos foram alcançados de forma articulada. O primeiro objetivo foi atendido por meio da identificação e descrição dos elementos culturais presentes nos contos amazônicos, tais como crenças, valores, modos de vida e relações com a natureza. Esses elementos revelam a riqueza simbólica das narrativas e sua importância na formação social e educativa, tanto de docentes quanto de discentes, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural e para a valorização da memória coletiva.

O segundo objetivo foi contemplado ao evidenciar que os contos ribeirinhos, enquanto práticas de oralidade, favorecem uma pedagogia sensível, contextualizada e culturalmente situada, alinhada aos princípios da educação popular. As análises demonstraram que a vivência com os contos orais ribeirinhos colabora para a formação de um educador consciente da possibilidade de práticas mais dialógicas, que valorizem os saberes dos educandos e promovam uma aprendizagem significativa.

O terceiro objetivo, de caráter autobiográfico, foi alcançado a partir da análise das minhas experiências vividas e das narrativas ouvidas em meu contexto familiar e comunitário. Compreendeu-se que os contos ribeirinhos exerceram influência significativa na construção da

minha identidade docente, sendo elementos essenciais para uma formação para além de técnicas e teorias, uma vez que contribuíram para o desenvolvimento de uma leitura crítica do mundo, anterior e complementar à leitura da palavra, conforme discutido ao longo do trabalho. Assim, as memórias e vivências não apenas constituíram a base da minha formação pessoal, mas também se transformaram em referências para a prática pedagógica que desenvolvo enquanto pedagoga.

Os contos ribeirinhos contribuíram significativamente para minha formação identitária e para minha constituição como sujeito social, pois, por meio da tradição oral, aprendi valores, costumes, crenças e formas de compreender o mundo antes mesmo do acesso à leitura formal. As narrativas contadas por minha avó, meus pais e pelos membros da comunidade às margens do rio Purus fortaleceram meu sentimento de pertencimento à cultura ribeirinha amazônica, ensinando-me o respeito à natureza, à coletividade e aos saberes populares. Dessa forma, os contos funcionaram como instrumentos de leitura de mundo, permitindo que eu desenvolvesse uma consciência social e cultural construída a partir da escuta, da memória e das experiências vividas em comunidade.

Além da formação social e cultural, os contos ribeirinhos também exerceram forte influência na construção da minha identidade docente. As histórias ouvidas na infância despertaram em mim o interesse pela leitura, pela aprendizagem e, posteriormente, pela educação, contribuindo para minha escolha pela docência. Ao longo da formação no curso de Pedagogia, compreendi que essas narrativas não representam apenas manifestações culturais, mas também importantes recursos pedagógicos capazes de promover uma educação contextualizada, crítica e humanizada. Assim, os contos passaram a influenciar minha concepção de prática pedagógica, reforçando a importância de valorizar a oralidade, os saberes dos educandos e a cultura popular como elementos fundamentais no processo educativo.

Desta forma, os resultados da pesquisa evidenciam que a tradição oral, materializada nos contos orais ribeirinhos, configura-se como um importante instrumento formativo, capaz de articular cultura, educação e identidade. A oralidade, muitas vezes marginalizada nos espaços escolares, mostrou-se neste estudo como uma prática pedagógica potente, que contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e culturalmente situados. Além disso, a abordagem autobiográfica adotada possibilitou compreender que a formação docente não se constrói apenas por meio de referenciais acadêmicos, mas também a partir das vivências, memórias e experiências culturais que atravessam a trajetória do sujeito.

Por fim, conclui-se que os contos ribeirinhos, enquanto expressão da tradição oral, não apenas preservam a memória coletiva, mas também se constituem como ferramentas pedagógicas capazes de transformar práticas educativas. Valorizar essas narrativas é, portanto, um ato de resistência cultural e um caminho para a construção de uma educação mais inclusiva, democrática e enraizada nas realidades locais. Assim, este trabalho reafirma que toda leitura começa pela escuta e que toda escuta carrega em si o potencial de formar, transformar e humanizar.

Nesse sentido, o trabalho reforça a necessidade de reconhecer e valorizar os saberes populares no contexto educacional, propondo uma pedagogia que dialogue com as experiências de vida dos sujeitos, sejam eles professores ou estudantes. Pois, a inserção dos contos ribeirinhos no ambiente escolar não apenas enriquece o processo de ensino-aprendizagem, mas também fortalece os vínculos entre escola, cultura e comunidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. P. de; et al. Literatura infantil na Amazônia: entre tradição oral, cultura ribeirinha e educação escolar. In: **Educação em Debate**: Experiências e Pesquisas. 2. ed. Aurum Editora, 2024. p. 639-658. ISBN 978-65-83849-38-0. DOI: Disponível em: https://doi.org/10.63330/aurumpub.028-039. Acesso em: 28 fev. 2026.

ANDRADE, Élida Luciane Vieira de. A literatura oral nas vertentes dos estudos dos contos populares na Amazônia. **Revista Exitus**, Santarém, v. 4, n. 1, p. 169-179, jan./jun. 2014. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6078529. Acesso em 23 de maio de 2026.

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Gênero do discurso**. 1ª edição. Ed. 34. São Paulo, 2016.

BELO, Geovane Silva; MELO, Victor Salgado de. O mito do (Jura)boto: um estudo sobre encantarias e imaginário na poética de Antonio Juraci Siqueira. **Asas da Palavra**, v. 18, n. 1, p. 33-50, jan./jun. 2021. ISSN 1415-7950. Disponível em: https://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/2428. Acesso em 01 de maio de 2026.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Outro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 174-175. In: SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. *Língua* Portuguesa – caderno do estudante – vol. 1 – Ceeja – Educação de Jovens e Adultos – mundo do trabalho. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2015. p. 89.

CARDOSO, Elis de Almeida; FERREIRA, Raphael Bessa. Léxico e cultura: a visão amazônica na obra poética de João de Jesus Paes Loureiro. **Revista Moara**, n. 54, p. 218-234, ago./dez. 2019. ISSN 0104-0944. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8061. Acesso em 15 de maio.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil para os jovens**. 1. ed. São Paulo: Global, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas brasileiras**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2000.

COSTA, Breno Augusto da. Consciência ingênua em Álvaro Vieira Pinto: sua manifestação na prática científica. *Guairacá – Revista de Filosofia*, Guarapuava-PR, v. 37, n. 2, p. 65-82, 2021. Instituto Federal do Triângulo Mineiro. Disponível em: https://doi.org/10.5935/2179-9180.20210021. Acesso em: 3 jul. 2026.

FARIAS, Cristiane do Socorro Gonçalves. O encantado malino: a face obscura do boto em narrativas ribeirinhas marajoaras. **Boitatá** – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, Londrina, n. 24, p. 160, ago./dez. 2017. ISSN 1980-4504. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/32954. Acesso em 01 de maio de 2026.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURTADO, Gisély Damasceno. Santuário das águas: vovó e a pedagogia da oralidade. **PRACS**: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. Disponível em: https://blogmanamani.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/07/histc3b3ria-memc3b3ria-e-poder-feminino-em-povoados-amazc3b4nicos.pdf. Acesso em: 5 mar. 2026.

GUEDES, Viviane Marques. A contribuição de Stuart Hall e de Néstor García Canclini para os estudos da identidade cultural contemporânea. *Temática: Revista eletrônica de Ciências Sociais e Humanas*, Ano IX, n. 02, fev. 2013. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2013_fev_tem_guedes.pdf. Acesso em: 3 jul. 2026.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: chrome extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf. Acesso em 02 de junho de 2026

MELO, Antônio Francisco Texeira de. **Os dez cordéis num cordel só**. Mossoró: Queima Bucha, 2006.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*. São Paulo: Editora da UNESP, 1939. p. 133-166. Disponível em: https://www.academia.edu/40131121/A_escrita_da_Hist%C3%B3ria_Peter_Burke>. Acesso em: 3 jul. 2026.

MOLEIRO, Yuri Ribeiro; BEZERRA, Marli de Figueiredo; VIEIRA, Josimar de Aparecido; CASTAMAN, Ana Sara. O processo de formação de professores e a construção da identidade profissional. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 21, n. 3, p. 131-145, ago./nov. 2023. DOI: https://doi.org/10.33871/23594381.2023.21.3.8051. Acesso em 21 de maio de 2026.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa; SANTOS, Luciene Souza. A constituição do sujeito leitor pela via da contação de histórias. **Momento:** diálogos em educação, Rio Grande, v. 29, n. 2, p. 229-248, maio/ago. 2020. E-ISSN 2316-3110. Disponível em: https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8927. Acesso em 02 de maio de 2026.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. Tradução de Maria Teresa Van Acker e Helena Coharik Chamlian. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006 Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/vBbLxwHQHLFnfrS48HYbhxw/?format=html&lang=pt . Acesso em 15 de maio de 2026.

ROSA, Débora Cristina Joaquina; LIMA, Daiane Marcia de; PERES, Rodrigo Sanches; SANTOS, Manoel Antônio dos. O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 577-595, set./dez. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n03A09. Acesso em: 3 jul. 2026

ROSSI, Fernanda; HUNGER, Dagmar. Identidade docente e formação continuada: um estudo à luz das teorias de Zygmunt Bauman e Claude Dubar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 101, n. 258, p. 313-336, maio/ago. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.101i258.4409. Acesso 19 de maio de 2026.

SILVA, Claúdia Alves da; CARDOSO, Helânia Cunha de Sousa. A oralidade e suas raízes: fascínio histórico. **Revista do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão do UNIPAM**, Patos de Minas: UNIPAM, v. 6, p. 266-274, out. 2009. Disponível em: https://seer.unipam.edu.br/index.php/perquirere/article/view/11499/4291". Acesso em 02 maio de 2026.

SILVA, Fernanda Gomes. Causos populares: uma proposta de leitura e escrita no contexto da EJA. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 2023. Anais.

Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/111887. Acesso em: 15 maio 2026.

SILVA, Giuslane Francisca da. *Halbwachs, Maurice. A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. Resenha. *Aedos: Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS*, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, ago. 2016.

SIMÕES, Maria do Socorro Galvão; FARIAS, Cristiane do Socorro Gonçalves. As narrativas orais e o imaginário das crianças ribeirinhas. **Letras**, Santa Maria, v. 27, n. 55, p. 109-128, jul./dez. 2017. Disponível em: https://www.google.com/search?q=Maurirce+Halbachs+e+a+mem%C3%B3ria+coletiva.+O+que+%C3%A9+mem%C3%B3ria+coletiva%3F&sca_esv=773a87f55f16a856&sxsrf=APpeQnvzx_-JJCnS949GoA2SGFUYGf9r_g%3A1783104729822&source=hp&ei=2QRIarekL__W1sQP0b6PkAM&iflsig=ABILxe8AAAAAakgS6cw2TDqq35FPZKO8mPpxnrpA_MhR&ved=0ahUKEwj39I_glreVAxV_q5UCHVHfAzIQ4dUDCDU&uact=5&oq=Maurirce+Halbachs+e+a+mem%C3%B3ria+coletiva.+O+que+%C3%A9+mem%C3%B3ria+coletiva%3F&gs_lp=Egdnd3Mtd2l6IkRNYXVyaXJjZSBIYWxiYWNocyBlIGEgbWVtw7NyaWEgY29sZXRpdmEuIE8gcXVlIMOpIG1lbcOzcmlhIGNvbGV0aXZhP0jhFFCfDVifDXABeACQAQCYAe0BoAHtAaoBAzItMbgBA8gBAPgBAvgBAZgCAaACCKgCCsICBxAjGOoCGCeYAwjxBVwXUC0wLm1-kgcBMaAH4AKyBwC4BwDCBwMyLTHIBweACAE&sclient=gws-wiz. Acesso 03 de jul. 2026.

SOUSA, Daniele Mendes; RODRIGUES, Danielle da Silva; SILVA, Suellen Cordovil da. As faces insólitas da Iara. **Téssera**, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 46-60, jul./dez. 2021. ISSN 2595-8925. DOI: http://dx.doi.org/10.14393/TES-V4n1-2021-63535. Acesso em 01 de maio de 2026.

SOUSA, Maria das Dores. Formação de educadoras ribeirinhas no curso de Pedagogia. **R.evista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 41, n. 3, p. 25-40, 2020. Disponível em: chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://ppgedufpa.com.br/arquivos/File/tesedayana.pdf. Acesso em 02 maio de 2026.

VELDEN, Felipe Ferreira Vander. O Mapinguari: mito, crença e lenda do folclore pan-amazônico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 11, n. 1, p. 209-224, jan./abr. 2016. Acesso em 01 de maio de 2026.

WAGNER, Bruna; SILVA, Estefany France Cunha da; ALBUQUERQUE, Juliana Feitosa. Formas de narrar: memória e história oral das/nas Amazônias. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN),** v. 11, n. 1, 2023. Recebido em: 24 maio 2023. DOI: https://doi.org/10.29327/210932.11.1-3. Acesso em 01 maio de 2026